

# APROXIMAÇÃO HISTÓRICA

Arq.º Alberto Mallaguerra

## 1.1

### NOTA PRÉVIA

O texto que se apresenta não obedeceu aos critérios que um trabalho com rigor científico exige; trata-se apenas de uma primeira aproximação ao conteúdo histórico presente nos edifícios que constituem o Hospital de Santa Marta e no espaço urbano envolvente. A verificação das fontes, o estudo da construção em detalhe, prospecções arqueológicas e a criação de modelos topográficos de análise poderão completar, ou mesmo modificar, aquilo que agora se expressa. Não são por isso indicadas referências que documentem as afirmações, porque não foi ainda verificada a sua veracidade, nem tão pouco se assume como definitivo o conteúdo, pelo menos em alguns aspectos específicos. Este texto resulta de uma compilação sumária da documentação existente, que importará de futuro avaliar, e do que foi, até ao momento, possível identificar no material cartográfico observado.

## 1.2

### A COLINA DE SANTANA

PLANTA LOCALIZAÇÃO ENQUADRAMENTO HISTÓRICA. PAGINA 66 | FOLHA 01

Inspirados pela Roma imperial, alguns escritores portugueses do século XVI e XVII consideraram Lisboa uma cidade assente em montes ou colinas. Ainda que sem uma presença hipsométrica assinalável, pois são pequenas elevações que não ultrapassam os 120m de altitude, a ideia perdurou vindo a baptizar Lisboa como "cidade das sete colinas". Entre estas, a única que hoje não encosta à margem do rio é a de "Santana", assim denominada por nessa época existir na sua zona mais alta um convento de religiosas franciscanas dedicado a Santa Ana. Porém, no momento da reconquista da cidade pela cristandade, esta elevação era delimitada a nascente e poente por dois cursos de água que se reuniam num importante esteio do rio que ocupava boa parte da actual baixa pombalina. A presença da colina dilui-se para norte, deixando de se fazer sentir na zona do Areeiro, a nascente e logo desde S. Sebastião a poente.

Na centúria de quinhentos era ainda maioritariamente ocupada por olivais, enquanto os vales adjacentes proporcionavam à cidade importantes hortas que a abasteciam.

## 1.3

### A ESTRADA QUE IA DE SANTO ANTÃO À PALHAVÃ

CARTA TOPOGRÁFICA. FILIPE FOLQUE.1856 11871. PAGINA 68 | FOLHAS 02

Do lado poente, cedo se começou a delinear um caminho que, percorrendo o vale, se dirigia para norte constituindo-se numa das principais vias de acesso à cidade desde a época romana. Na primeira metade do século XIV, foi erigido um chafariz onde é hoje o Largo do Andaluz, "para refrigério dos sedentos caminantes", e não é por isso de estranhar que a cerca fernandina tenha previsto para esse caminho uma porta de entrada em Lisboa. O percurso desta via é hoje constituído pela Rua das Portas de Santo Antão, pela de São José e a de Santa Marta, até ao Largo do Andaluz, e daí em diante pela de São Sebastião da Pedreira e Dr. Nicolau Bettencourt até à antiga Estrada da Palhavã, entretanto desaparecida.

De um lado e doutro dessa via foram progressivamente surgindo construções que não se constituindo ainda

num efectivo prolongamento da cidade, indiciavam já o que viria a ser a futura expansão desta em direcção ao norte, a qual só em finais de oitocentos se consumaria.

Entre essas construções conta-se a do Convento de Santa Marta

#### **1.4**

##### **A COLINA DE SANTANA NA ÉPOCA CONVENTUAL**

CARTA TOPOGRÁFICA. FILIPE FOLQUE.1875 11858. PAGINA 74 | FOLHAS 05

Os conventos de Santana e Santa Marta não foram porém os únicos a tirar partido da posição estratégica da colina que, há época, era suficientemente próxima da cidade, ainda que fosse dela apartada pelo acentuado declive. Ao longo do século XVI, e mais acentuadamente no seguinte, várias congregações religiosas escolheram o local para implantação das suas casas religiosas. Santana, Santa Marta, Santo Antão-o-Novo, Encarnação, Rilhafoles, Santa Antónia dos Capuchos, Desterro e, mais a Norte, Arroios e Santa Joana Princesa, ocuparam com as suas extensas cercas boa parte do território da colina.

O espaço restante, onde se evidencia o vasto terreiro ainda hoje conhecido como Campo de Santana, o qual sempre constituiu o centro vital da colina, foi sendo progressivamente ocupado, não só por palácios aristocráticos, entre os quais se destaca o Paço da Bemposta, mas também por edifícios mais modestos que foram sendo construídos ao longo dos principais caminhos que cruzavam a colina.

No final do século XVIII, de acordo com a cartografia, regista-se a existência de duas pequenas malhas urbanas reticuladas, a primeira organizada em torno da Calçada de Santana e a segunda encostada ao troço da velha estrada romana, a Sul do Convento de Santa Marta. Serão, por certo, os mais antigos pólos de crescimento urbano na colina.

#### **1.5**

##### **O CONVENTO DE SANTA MARTA**

PLANTA LEVANTAMENTO.HOSPITAL DE SANTA MARTA. PAGINA 80 | FOLHA09

A primeira instituição que ocupou os terrenos onde existe hoje o Hospital de Santa Marta terá sido um orfanato instituído por D. Sebastião, em 1569, a pedido da Companhia de Jesus. Se a sua constituição aproveitou construções já existentes, ou se foram construídas de raiz novas instalações, não é possível apurar, por agora. Certo é que o hospício terá sido autorizado a constituir-se mosteiro pelo Papa Gregório XIII, em 1577.

Para o efeito, seis anos antes, as religiosas terão adquirido um terreno e casas. Ao que parece, há notícias que confirmam a contemporaneidade das obras de adaptação destas últimas com as da nova igreja, projectada por Nicolau Frias, e as dos edifícios que iriam integrar o futuro mosteiro, cuja obra estaria a cargo do mestre pedreiro António Correia. Posto que o hospício não terá deixado de funcionar, podem identificar-se, nesta época, quatro núcleos construídos: as casas onde originalmente foi instituído o orfanato; aquelas adquiridas com o terreno, em 1571; a nova igreja, pelo que existiria outra integrando o primeiro conjunto; e as futuras instalações do mosteiro.

Ainda que as obras estivessem em execução sabe-se que, em 1587, o mosteiro, inicialmente constituído por doze freiras, estava já instituído, uma vez que é essa a data em que a Madre Superiora Maria do Presépio se torna primeira abadessa.

A capela-mor da igreja terá sido concluída em 1593, ao que parece, em boa parte mercê dos donativos de

D. Helena de Sousa que por via disso foi autorizada a construir a sua residência sobre a sacristia; mas a construção da igreja prolongou-se até 1636, havendo notícia que, vinte anos antes, teriam sido celebrados contratos para a execução da nave, dos coros e das instalações conventuais de acordo com projecto do architecto Pedro Nunes Tinoco.

Há ainda notícia da construção de um dormitório, da autoria de João Antunes, em 1698, o qual, em conjunto com o Padre Manuel Pereira terá sido responsável pelo projecto de remodelação do claustro, executado entre 1701 e 1705. Nesse momento, o convento albergaria oitenta e cinco ocupantes.

O terramoto de 1755 terá produzido consideráveis estragos nos edifícios, uma vez que as religiosas se refugiaram em construções improvisadas montadas na cerca do convento.

Os primeiros apontamentos gráficos possíveis de observar referenciam a ocupação do solo ditada pela reconstrução e encontram-se, de modo quase imutável, presentes em cartas de Lisboa, da segunda metade do século XVIII. Nelas é possível verificar o perímetro construído, que não difere daquele que consta no levantamento dirigido por Filipe Folque, realizado entre 1856 e 1858. Para lá da igreja, a cuja cabeceira está adossado a poente o edifício da sacristia, que como se referiu possuiria mais de um piso, é visível o claustro quadrangular rodeado por outras edificações. Destas, aquela situada a nascente prolonga-se para norte e para sul, mostrando já uma configuração próxima daquela que é hoje possível observar. O seu extremo meridional apresenta um contorno que se prolonga para leste, encostado à travessa de Santa Marta, mas de modo menos pronunciado do que aquele visível na carta de meados do século XIX, acima referida. O edifício que encerra o claustro pelo lado sul apresenta um perímetro que inclui aquela construção, posteriormente remodelada, que confronta com a Rua de Santa Marta, a qual, mais tarde, terá sido designada edifício de transição. Para além deste conjunto, pode distinguir-se o contorno de outro edificado, situado no canto sudoeste da propriedade. Possui formato quadrangular, mas aparece prolongado para leste por um polígono mais delgado alongando-se encostado à travessa de Santa Marta, pelo que fecha um espaço que nalgumas cartas aparenta ser um segundo claustro, mas com um acesso à Rua de Santa Marta que coincide hoje com a entrada principal do hospital. A frente edificada voltada para a travessa terá sido aquela que mais alterações terá sofrido no período que decorre entre a reconstrução pós-terramoto e a data em que foi realizado o levantamento de Folque, o qual destaca já o referido contorno quadrangular do restante edificado que orla o lado norte da travessa. O espaço da cerca, em qualquer das cartas observadas, não mostra quaisquer construções, sendo nele apresentado, neste último levantamento, um jardim organizado por uma malha reticulada dentro de um gosto francês. Entre ele e corpo nascente, envolvente ao claustro, figuram pequenas construções adossadas ao que seria o muro de contenção que separa a considerável diferença de nível que se regista hoje; porém chama-se desde já a atenção para a improbabilidade da sua existência ser anterior à construção inicial do convento, pelo que fica a impressão de ser resultado da reconstrução que se seguiu ao flagelo de 1755.

## **1.6**

### **O PLANO DA AVENIDA DA LIBERDADE E O BAIRRO BARATA SALGUEIRO**

ORTOFOTO GERAL. PAGINA 73 | FOLHAS 04

A Avenida da Liberdade, cujo plano datado de 1879, foi de iniciativa camarária e da autoria de Ressano Garcia, não só veio por fim à cidade romântica, simbolizada pelo Passeio Público que por ela foi substituído, como veio encetar um novo rumo para o crescimento da cidade, ancestralmente ribeirinho, por via de um alargamento para norte, que a interiorizou. A nova avenida, ainda que de pequena extensão, posto que finalizada por uma rotunda de grande dimensão a partir da qual foram projectadas outras vias radiais, ditou

a possibilidade de uma expansão urbana até então nunca registada na história de uma cidade que via a sua população aumentar, mercê do tímido crescimento industrial então verificado. O seu efeito estruturante viria a sentir-se ainda durante o período de construção, que se prolongou até 1886.

No projecto inicial foram traçadas as avenidas do Campo Grande, hoje Fontes Pereira de Melo, o início daquela agora designada Joaquim António de Aguiar, bem como a Rua Braamcamp, todas com origem na rotunda onde, logo em 1882, se previu a colocação do monumento em memória do Marquês de Pombal, o qual viria a ser inaugurado meio século mais tarde. No plano, de um lado e doutro da grande avenida, constam também viárias malhas reticuladas destinadas a urbanização.

Resultado da negociação das expropriações, em 1880, a câmara celebrou um contrato com Barata Salgueiro que previa a construção de um novo bairro, de malha ortogonal orientada pela nova avenida. Ocupando os terrenos delimitados a ocidente pela Rua do Salitre, a zona do Rato e o troço da antiga estrada de circunvalação, que constitui hoje a Rua Marquês da Fronteira, este novo pólo da cidade destinava-se a habitação de qualidade.

Do lado oposto, uma malha viária orientada do mesmo modo, que por necessitar de uma plataforma predominantemente horizontal viria a soterrar parte do Convento de Santa Joana, prolongava-se para sul, por via da extensão da Rua Camilo Castelo Branco, até a um cruzamento com a Barata Salgueiro que nunca chegou a existir. A verificar-se, seria este o ponto de contacto com a Rua de Santa Marta – no local onde esta bifurca com a Travessa do Enviado de Inglaterra, a qual nesse caso teria desaparecido. Com ela desapareceria também a leitura do antigo eixo viário de entrada na cidade por norte, através das Portas de Santo Antão. A terraplanagem necessária ou a eventual colisão com direitos de propriedade da coroa britânica, que importará averiguar, terão sido determinantes.

## 1.7

### O BAIRRO CAMÕES

ORTOFOTO GERAL. PAGINA 73 | FOLHAS 04

No mesmo plano é ainda visível a existência de outro pólo de crescimento urbano – o Bairro Camões – que se desenvolve mediante uma malha reticulada orientada pela Avenida da Índia, cujo traçado coincidia com aquela que é hoje a Rua do Conde de Redondo. É delimitado a poente pela Avenida António Augusto de Aguiar e a nordeste pela Rua Tomás Ribeiro, que regularizou o traçado da antiga Travessa do Sacramento, as quais se encontram na Igreja de São Sebastião da Pedreira. O perímetro sul, na planta do referido plano, é conseguido pela Rua do Chafariz do Andaluz, preexistente, que nasce no largo de igual toponímia, onde entronca com a de Santa Marta e a de S. Sebastião, e finalizava no antigo Largo da Cruz do Taboado, onde é hoje o ponto meridional da Praça José Fontana. Porém a inscrição sobreposta ao desenho dá a entender o prolongamento desse bairro para sudeste.

Para esta área que fica subjacente à leitura do desenho de projecto e cujo limite sudeste coincidia com o das cercas dos antigos conventos de Rilhafoles, hoje Hospital Miguel Bombarda, Capuchos e Santa Marta, já desde 1878, o Sindicato dos Terrenos de Santa Marta, onde era preponderante a presença do Conde de Burnay, projectava um investimento superior ao de Barata Salgueiro, que viria a ser aprovado pela câmara em 1880. Porém, a partir de 1900, seria esta última a assumir o investimento, dada a incapacidade financeira, ou a falta de vontade dos investidores, o que se saldou numa lenta ocupação dos lotes, só impulsionada a partir da abertura da Avenida Duque de Loulé, também em 1900, e num decréscimo na qualidade da sua ocupação, pelo que o Bairro Camões foi essencialmente ocupado por prédios de arrendamento, de fraca qualidade, destinados à pequena burguesia.

Na imagem urbana ficou bem visível a dificuldade na articulação entre as malhas ortogonais oitocentistas e a velha cidade – a Rua de Santa Marta constituiu-se hoje na mais evidente “cicatriz” dessa operação urbanística – não só pela posição orográfica, acentuada pelos movimentos de terras que a construção da avenida e das áreas construídas adjacentes acarretaram, mas também pela separação que constitui, entre as malhas racionais então criadas e aquelas mais orgânicas, porque adaptadas à topografia, que a história deixou patentes na vertente da colina que delimita a poente.

## **1.8**

### **DE CONVENTOS A HOSPITAIS**

CARTA TOPOGRÁFICA. SILVA PINTO.1904 II911. PAGINA 77 I FOLHAS 06

A expulsão dos jesuítas e o terramoto de 1755 viriam a consumir a constituição de uma vocação hospitalar para a colina. Ainda que já anteriormente existissem nela instalações de assistência, como a Gafaria de São Lázaro, e que muitos conventos, em determinados momentos, se constituíssem noutras, a criação do Hospital de São José, que veio substituir o de Todos-os-Santos, e a progressiva afectação dos conventos extintos, em 1834, a usos ligados à saúde, mudou o seu cariz marcadamente religioso para um carácter essencialmente hospitalar.

Ao longo da segunda metade do século XIX e do princípio do seguinte, os antigos conventos dos Capuchos, Desterro, Rilhafoles, Santa Marta e Arroios, foram transformados em unidades hospitalares, onde se desenrolou muito do que de mais importante aconteceu na história da medicina portuguesa.

## **1.9**

### **A COLINA DE SANTANA E A MEDICINA – UM PATRIMÓNIO MATERIAL E IMATERIAL**

CARTA TOPOGRÁFICA. SILVA PINTO.1904 II911. PAGINA 77 I FOLHAS 06

Ao longo dos dois últimos séculos, a colina de Santana foi agregando no seu território uma elevada concentração de equipamentos de saúde e de ensino da Medicina. O primeiro de entre estes terá sido a gafaria de S. Lázaro criada, no século XIV, por diligência da Ordem dos Hospitalários. Porém, seria a vizinhança do Hospital Real de Todos-os-Santos, erigido no Rossio por iniciativa do rei D. João II, a causa determinante da ligação indelével, entre a colina e a Medicina, que hoje se regista na memória colectiva.

Esta obra ímpar, que constitui, à época, um novo paradigma no que respeita à “medicina, arquitectura e organização”, foi destruída pelo terramoto de 1755, e, como tal, viria a ser substituída, poucos anos depois, pelo Hospital Real de S. José, instalado no outrora Colégio de Santo Antão-o-Novo. A nova instituição congregava em si o património que a experiência do Hospital de Todos-os-Santos legara, com aquele que o estabelecimento jesuíta encerrava, e valorizando a herança recebida viria a constituir-se num centro de “grande prestígio científico” (Pilão 2010).

O crescimento da cidade ditaria a sua expansão, conseguida pela anexação do Mosteiro de Nossa Senhora do Desterro e consequente criação do Hospital do Desterro, no ano de 1857, o qual viria a destacar-se na especialidade médica de dermatovenerologia. O papel desempenhado por este último, dentro desta área do Conhecimento, levou à criação do Museu da Dermatologia Portuguesa - Dr. Sá Penella, em 1955. Do acervo deste, consta uma significativa colecção de figuras de cera de elevado valor patrimonial.

Já anteriormente, em 1848, o antigo convento da Congregação da Missão de São Vicente de Paulo assistira à sua transformação no primeiro hospital psiquiátrico de Lisboa – o Hospital de Alienados de Rilhafoles, que viria a ser rebaptizado Hospital Miguel Bombarda.

As instalações hospitalares continuariam a ocupar o espaço da colina por via da criação do Hospital de D. Estefânia, em 1877, o único com instalações construídas expressamente para o efeito, e do Instituto de Medicina Legal, em 1879. Dez anos depois, nasceria o Instituto de Oftalmologia Dr. Gama Pinto e, já no início do século XX, em 1902, foi criado o Instituto Bacteriológico de Câmara Pestana.

Em 1903, outro edifício conventual serviria à instalação de um novo hospital – Santa Marta – que, até 1953, serviu como hospital escolar de Lisboa, dando conteúdo prático ao ensino ministrado na primeira Faculdade de Medicina de Lisboa, fundada em 1911, no topo da colina, ao Campo Santana, onde permaneceria, também, até 1953. Em Santa Marta nasceria, em 1957, o primeiro museu da história da medicina existente em Portugal, o museu dos Hospitais Cívicos de Lisboa – Doutor Alberto Mac Bride.

Por seu turno, o Hospital de Santo António dos Capuchos, integrado nos Hospitais Cívicos de Lisboa, em 1928, e que ocupa um conjunto de edifícios de que fazem parte as instalações do antigo Asilo da Mendicidade de Lisboa, o convento de Santo António dos Capuchos e o palácio Mello, possui, guardado nas caves deste último, um significativo espólio científico a que foi atribuída a designação Núcleo Museológico do Hospital de Santo António dos Capuchos.

Mas não é apenas o património material em que consistem todas estas construções e colecções aquele que se torna digno de assinalar. Nomes como Bernardino António Gomes, Sousa Martins, Curry Cabral, Miguel Bombarda, José Gentil ou Egas Moniz, que foi Prémio Nobel da Medicina, e outros, que constituem vultos de relevo da medicina portuguesa e estrangeira e que desde o século XV passaram por estas instituições, criaram na colina um valor patrimonial imaterial que agora se impõe preservar.

Referência bibliográfica: Pilão, C 2010, Os hospitais da colina de Sant'Ana: uma rota urbana, comunicação proferida no seminário Património hospitalar, que futuro?, 2 e 3 de Dezembro de 2010, Lisboa.

## **1.10**

### **O HOSPITAL DE SANTA MARTA**

PLANTA LEVANTAMENTO.HOSPITAL DE SANTA MARTA. PAGINA 81 | FOLHA10

Após a extinção das ordens religiosas, mas ainda no período de permanência da ocupação conventual – tratava-se de um convento feminino onde sobreviviam ainda ocupantes – o edifício, o conjunto de edifícios, ou parte dos que constituíam o Convento de Santa Marta, terá servido como hospital, em consequência da epidemia gripal de 1890. Treze anos mais tarde, após a morte da última freira, que terá ocorrido em 1898, a propriedade terá passado a constituir anexo do Hospital de São José, iniciando assim o processo de secularização dos edifícios e da cerca, que entre 1905 e 1908, sofreram uma profunda campanha de obras, consubstanciada na alteração dos edifícios existentes, bem como na construção de dois blocos paralelos, de grande dimensão, unidos por um núcleo de comunicações.

Na carta de levantamento de Silva Pinto, para além das alterações ao perímetro de implantação dos edifícios existentes, e do que resulta das novas construções atrás descritas, verifica-se ainda a construção de um pequeno pavilhão, na zona mais elevada, a nascente.

Em 1927, a igreja terá passado também a integrar o hospital. Outras obras de menor importância terão ocorrido na primeira metade do século XX, mas com a criação da Comissão de Construções Hospitalares, destinada à execução do Plano de Construções Hospitalares, um novo impulso construtivo, iniciado em 1957, levou à ocupação quase total da antiga cerca.

No início da década de setenta, o edifício quadrangular, localizado a sudoeste, que ao que tudo indica servia, em 1910, como quartel de bombeiros, e mais tarde como banco do hospital, foi demolido dando lugar a um novo edifício para consultas externas e serviços administrativos.

## **1.11**

### **CONTEÚDO PATRIMONIAL DECORATIVO**

PLANTA PISO 01.CLAUSTRO CONVENTO STE MARTA. PAGINA 86 | FOLHAS 15

Para lá do interesse patrimonial da arquitectura do conjunto edificado que integrava o antigo convento, encontra-se presente um património azulejar digno de assinalar. Através dele podem detectar-se muitas das tendências estilísticas que constituem a história do azulejo português, pelo que no seu conjunto, a colecção em presença merece cuidada preservação, rigorosa conservação e um estudo detalhado quanto ao modo de conseguir a sua divulgação.

Algumas das capelas laterais da igreja são revestidas por azulejo padrão figurativo e entre elas podem observar-se oito painéis, igualmente figurativos, de bicromia azul e branca, que representam São Francisco, São José, Santa Clara, Santa Ana, São Joaquim e Santa Isabel. Na capela-mor existem vestígios de um revestimento a azulejo de padrão policromo azul, amarelo, castanho e branco; no acesso desta ao claustro, pode observar-se azulejo de padrão seiscentista enquanto as escadas que lhe dão acesso ostentam azulejo de figura avulsa.

A toda a volta do piso térreo do claustro existem silhares de composição ornamental seriada, em bicromia azul e branca, enquanto no segundo piso podem observar-se outros, mais recentes assinados por Vítor Pereira em 1906. Ao nível do piso inferior, existem ainda duas capelas que, tal como o corredor que dá acesso ao coro e o coro baixo são revestidas por azulejos policromos de padrão "tipo tapete". Uma das paredes deste último ostenta uma cruz em azulejo com a data de 1692. Na portaria existem dois painéis representando Santa Clara a salvar o Mosteiro de São Damião e São Francisco a dar o hábito a Santa Clara, enquanto a sala do capítulo possui também vários painéis de composição figurativa.

Podem ainda observar-se: na escada, três painéis, um que consiste numa alegoria à Primavera, outro que representa São Miguel e uma paisagem campestre; ao fundo do corredor de ligação aos blocos construídos no início do século XX, um altar a Nossa Senhora da Salvação revestido de azulejo; bem como outros, de figura avulsa que revestem a actual sala dos médicos.

Para além deste vasto património azulejar, no que concerne ao conteúdo patrimonial que respeita às artes decorativas, convirá ainda mencionar o chafariz existente no centro do claustro, da autoria de João Antunes; e o tecto do coro baixo, hoje a funcionar como capela do hospital, onde falsas abóbadas de lunetas se encontram pintadas a burlesco.

Em 2002, quando da realização de obras de restauro na igreja foi descoberto o tecto primitivo da capela-mor, em forma de masseira, decorado com composições maneiristas em estuque relevado.

## **1.12**

### **APROXIMAÇÃO GEOGRÁFICA**

Porque a presente intervenção se integra num horizonte mais vasto, aquele que respeita a todas as que resultam da desactivação do conjunto de edifícios que integram os Hospitais Cívicos de Lisboa, importará

tecer algumas considerações de carácter geográfico no que respeita à colina de Santana no seu todo. Na carta hipsométrica de Lisboa, a colina de Santana é detectável, com evidência, no seu limite a nascente, sul e poente, mas outro tanto não acontece relativamente ao contorno que tem a norte. O primeiro é definido pelo início da planície onde existe a Baixa e pelos dois vales que partindo desta se orientam para noroeste e para norte, podendo conseguir-se uma coincidência com algumas das artérias que constroem a cidade: o Largo de São Domingos e a Rua Barros Queiroz constituem um limite meridional que segue para noroeste, pelas ruas das Portas de Santo Antão, São José e Santa Marta, diluindo-se na Rua de São Sebastião; e para norte, pelo Largo do Martim Moniz, Rua da Palma, Avenida Almirante Reis, Regueirão dos Anjos e Rua de Arroios, perdendo-se também a partir daí. Por isso o limite da colina, a norte, pode ser convencionalizado, mas o contexto urbano da divisão que venha a ser definida tende a ser pouco definido – não constituirá nunca uma ruptura urbana identificável.

Colocam-se, para ele, duas alternativas, uma mais contida e outra mais abrangente. A primeira, partindo da Rua de Santa Marta, pode fazê-lo coincidir com as ruas do Conde de Redondo, Joaquim Bonifácio e Jacinta Marto, terminando no Regueirão dos Anjos. A segunda, pode utilizar o traçado das Avenida Fontes Pereira de Melo, desde o encontro desnivelado com a Rua de São Sebastião, seguindo pelo da Casal Ribeiro, e da Rua Pascoal de Melo até ao encontro, também desnivelado, com a Rua de Arroios; une os pontos onde a delimitação topográfica se faz sentir com mais acuidade, mas inclui boa parte da Freguesia de São Jorge de Arroios, onde as actividades terciárias ganham maior importância, ou seja, zonas que se não identificam nem com o topo da colina, nem com as vertentes obliquamente expostas a Sul, onde a predominância de um uso habitacional prevalece; obviamente excluída a presença dos velhos conventos e das suas cercas, hoje, constituídos em hospitais.

Na fronteira norte, a delimitação conseguida pela utilização de eixos viários recentes, como as avenidas da Liberdade e Fontes Pereira de Melo, bem como pela Avenida Almirante Reis, parece inadequada. A malha urbana que estas geraram, não tem correspondência naquela que a colina foi vendo aparecer, ao longo da sua secular ocupação, e a expansão da área sobre a qual deverá incidir uma estratégia de reabilitação urbana é, por certo, inversamente proporcional à economia que terá de ser encontrada para a sua consecução.

Em consequência, na abordagem sumária que aqui se empreende, opta-se por uma circunscrição da colina aos limites definidos acima como uma primeira alternativa, ou seja, pelos mais restritos; não se evitando, ainda assim, a inclusão de espaços construídos no final do século XIX e no início do seguinte, resultantes da operação imobiliária que construiu o Bairro Camões, e que hoje têm, ainda que minoritariamente, usos terciários que propiciam aos solos maior valor. A malha que este criou, nascida das vias abertas a norte, colidiu, a sul, com a cerca dos conventos de Santa Marta, dos Capuchos e de Rilha Foles, mas penetrou por entre eles, intencionalmente – as obras de terraplanagem confirmam-no. O prolongamento da Rua Luciano Cordeiro, conseguido por via delas, garantiu a ligação do novo bairro ao Campo Santana, pelo que se assumiu como via principal, mas mais importante, porque conseguiu, com êxito, a conexão entre o novo espaço construído e aquele que, resultando da ancestral ocupação da colina, de sul para norte, existia em redor do Hospital de São Bernardino, identificado no levantamento de Filipe Folque.

O entendimento da constituição urbana do espaço assim delimitado obriga a uma análise detalhada da sua composição populacional, do uso que é feito da área construída, das externalidades que esta concede, da dependência existente entre a actividade institucional e a económica, bem como daquela que existe entre estas e a população residente. Obriga também à exacta compreensão do valor patrimonial presente, não só do que é imóvel, onde há que ponderar o que concisamente importa preservar – porque não pode, nem interessa ser preservado tudo o que existe – mas também do móvel, que interessa inventariar, conservar e divulgar, mas sobretudo do imaterial – aquele que pode manter viva a tradição ancestral da colina.

Como resposta à desactivação do conjunto de edifícios que, dentro da colina, integram os Hospitais Civis de Lisboa, importa encontrar novos usos, ou seja, importa conseguir programas que mantenham externalidades idênticas às agora existentes, tendo em vista a manutenção da população residente e do comércio que a apoia, bem como a captação de outra que nela se venha a integrar, regenerando-a. Este objectivo, ambicioso à partida, será por certo melhor alcançado se nele não for esquecida, como orientação, a preservação da totalidade do património presente.

Os dados possíveis de obter acerca da população residente na colina apresentam um elevado número de indivíduos sem actividade económica e de reformados, bem como uma constituição etária onde um quarto da população tem mais de sessenta e cinco anos, sendo nele predominante o sexo feminino. São, pois, dados que importa ter em conta no programa funcional de qualquer intervenção a levar a efeito na colina de Santana.

# MEMÓRIA DESCRITIVA DE ARQUITECTURA

ATELIER BUGIO – JOÃO FAVILA MENEZES

## 2.1 INTRODUÇÃO

O convento de Santa Marta e a sua cerca, que hoje albergam o hospital homónimo e constituem a parcela em estudo nesta proposta, encontram-se no sopé da encosta poente da colina de Santana, na cidade de Lisboa - actual freguesia Sagrado Coração de Jesus.

A parcela possui uma área de 18 065 m<sup>2</sup>, embora a área de intervenção desta proposta contemple outra mais alargada, com um total de 18 250 m<sup>2</sup>, correspondente à área definida pelo perímetro da propriedade e ao lote do edifício da rua Luciano Cordeiro número 23.

O imóvel tem acesso directo através da rede viária existente, nomeadamente, a rua de Santa Marta, calçada de Santa Marta e rua da Sociedade Farmacêutica, sendo proposto ainda outro, a criar, que garantirá a ligação pedonal à rua Luciano Cordeiro.

A sua complexa estrutura edificada e a qualidade patrimonial em presença exigem um enquadramento histórico exaustivo, bem como um levantamento arquitectónico, impossível de efectuar com o hospital em funcionamento, e um levantamento topográfico preciso in situ.

A proposta que passamos a descrever visa a reconversão do hospital de Santa Marta, antigo convento homónimo, num conjunto edificado aberto à cidade, com um novo programa que potencie e intensifique a vida lisboeta, em geral, e da colina de Santana, em particular, permitindo maior permeabilidade e acessibilidade.

## 2.2 DADOS E CONDICIONAMENTOS

De acordo com a planta de qualificação do espaço urbano do Plano Director Municipal, a parcela sobre a qual recai a presente intervenção encontra-se incluída na zona das Avenidas, ainda que, pelas suas características, a sua inserção no Centro Histórico nos pareça mais adequada; não só pela presença de património edificado classificado, anterior ao século XVIII, como é o caso da igreja de Santa Marta, imóvel de interesse público (Decreto n.º 35 532 de 15-03-1946) e do palácio dos condes do Redondo, imóvel de interesse público (Decreto n.º 735/74), mas principalmente pela proximidade e natureza da malha urbana a que se liga a sul, nomeadamente ao Bairro do Andaluz.

A mesma planta define a parcela como um espaço central e residencial a consolidar. Pelo que, de acordo com o regulamento, importará promover a regeneração funcional e social, privilegiando a predominância do uso habitacional, a conservação e a reabilitação do edificado existente, a colmatação da malha urbana, a compatibilização dos usos, a criação de equipamentos e a qualificação do espaço público, nomeadamente o aumento da sua permeabilidade.

Tratando-se de uma parcela confinada por vários arruamentos públicos, o loteamento é permitido (Artº 46 - 1 c), posto que nesta proposta está prevista, não só a abertura de novos arruamentos pedonais e a criação de novos espaços exteriores de utilização colectiva, mas também o desenvolvimento e fecho de uma malha urbana ancestralmente fracturada pela existência de uma parcela fechada - blindada - pelo uso conventual e hospitalar que lhe foi atribuído desde sempre no quadro funcional da cidade.

## **2.3 ANÁLISE DO TERRITORIO**

Da análise territorial à envolvente ressaltam duas matrizes às quais o cunho da intervenção agora proposta não poderá ser alheio, são elas: a rua de Santa Marta e a colina de Santana que abordaremos separadamente neste capítulo.

### **2.3.1 RUA DE SANTA MARTA**

A antiga estrada de ligação da cidade para norte que nascendo nas Portas de Santo Antão, é continuada pela rua de São José e Santa Marta, prosseguindo pela de São Sebastião até à Palhavã, ainda hoje revela um registo orgânico, encaixado porque possuindo cota baixa, acompanha o antigo curso de água que gerava o Valverde. O crescimento da cidade isolou-o, transformando-o num eixo viário secundário, contrastante com a estrutura ortogonal do plano da avenida da Liberdade, da expansão para nascente desta do Bairro Barata Salgueiro e daquela que caracteriza o Bairro Camões.

A rua de Santa Marta continua a ser uma das mais emblemáticas ruas de Lisboa, possui um carácter forte, surpreende na diversidade de tipologias e linguagens que apresenta, desenha e limita a colina de Santana pelo poente, mostrando claramente onde nasce a Lisboa contemporânea, ainda que oitocentista, e o que sobra da Lisboa antiga, que se alongava pelas colinas.

O carácter apertado que apresenta, resultado do espartilho imposto pelo plano da avenida, ter-lhe-á agudizado a morfologia única que apresenta, fortemente desenhada pelos edifícios que a bordejam, com jardins suspensos da colina, numa sucessão notável de construções que espreitam o fervilhar da cidade. Nalguns casos marcam a rua com um generoso recuo, caso da igreja de São José e da igreja de Santa Marta; noutros são apenas pequenos recuos, como acontece no chafariz de São João da Pedreira, construído em fina cantaria, que desenha um pequeno largo com dois patamares, um para os passantes e outro para os seus animais; ou no chafariz Andaluz, que abastecia tanto os caminhantes como a população, constituindo-se num ponto de partida e de chegada.

Esta fluidez, que ao nível pedonal concorre com aquela que a avenida da Liberdade procurou obter, desde cedo, pela sua monumentalidade, contrasta com o difícil acesso à colina, combatido por processos engenhosos de acesso, como é o caso do elevador do Lavra.

O factor surpresa, que o magnífico claustro do hospital de Santa Marta revela, intensifica-se pelo contraste com a rua apertada que lhe é adjacente.

## 2.4

### PROPOSTA

ORTOFOTO. ESCALA PAGINA 79 | FOLHAS 07

A presente proposta fundamenta-se na concretização de três princípios que serão detalhados adiante:

1º - Permeabilidade, e qualificação do espaço de usufruto público,

2º - Valorização patrimonial e identificação da estrutura conventual,

3º - Remate e interligação das duas estruturas urbanas – a que nasceu no dealbar dos séculos XIX para XX e a que lhe era anterior - propondo um novo modo de habitar a colina.

### 2.4.1

#### PERMEABILIDADE / ACESSIBILIDADE

PLANTA CIRCULAÇÃO E TRANSPORTES. ESCALA 1:15000. FOLHAS 03

Tendo em vista o incremento da circulação pedonal e a difusão de uma mobilidade inclusiva, considerou-se importante reequacionar a acessibilidade entre a parte baixa da colina, definida pelas ruas contíguas: Santa Marta, São José e das Portas de Santo Antão, e a cota alta - Campo dos Mártires da Pátria; dentro de uma estratégia que visa a ligação dos novos percursos à rede de transportes públicos já existente e ao parque de estacionamento que é proposto. Os novos percursos e o elevador que os complementa cruzam-se com os existentes criando uma nova dinâmica, essencial à cidade.

A possibilidade de criar novos percursos de acessibilidade à colina de Santana resultará em grande parte da articulação entre os espaços actualmente ocupados pelos actuais hospitais, agora sujeitos a processos de intervenção urbanística, os quais permitirão revelar o notável património arquitectónico e paisagístico em presença, potenciando a imagem que a cidade pode apresentar a quem a quiser desfrutar.

No que concerne à área de intervenção da presente proposta, o espaço verde da antiga cerca do convento de Santa Marta, sendo quase reposto, é reinterpretado para novos usos, incentivando vocações programáticas que tendem a estabelecer e promover novas sinergias. Demais, a criação de uma maior permeabilidade, dentro da área de intervenção, contribui para o desejado equilíbrio ecológico numa zona da cidade onde a ocupação do solo, e por consequência a impermeabilização, é demasiado elevada.

Entende-se que a intenção da presente intervenção será potenciada pela ampliação da via pedonal, já criada na rua das Portas de Santo Antão, até ao cruzamento da rua de Santa Marta com o eixo constituído pelas ruas Alexandre Herculano e do Conde de Redondo, abrindo-se assim a possibilidade de, no futuro, ser criada uma ligação pedonal entre a Baixa e o equipamento cultural gerido pela Fundação Calouste Gulbenkian, incentivando assim toda uma série de actividades ligadas ao Saber e à Cultura, potenciando um maior fluxo de utilizadores da colina.

Dentre os percursos possíveis de serem implementados destacamos dois: Santa Marta / Miguel Bombarda e Santa Marta / Capuchos que analisaremos em seguida de uma forma mais detalhada.

#### Percurso 1.

##### Santa Marta / Miguel Bombarda

Resulta de uma ligação directa entre a cota 31m existente, neste ponto, na Rua de Santa Marta e a cota 65m na Rua Luciano Cordeiro. A ligação faz-se através do novo jardim, que entendemos dever ser baptizado Egas Moniz - área arborizada do antigo horto e, ou pomar da antiga cerca; e de um elevador colocado no limite

nascente da parcela - um elevador a que arrogamos o direito de denominar de Santa Marta. Á cota mais alta da coluna desse elevador, propõe-se a existência de um miradouro que permitirá uma vista sobre a cidade de Lisboa, à semelhança do que acontece no elevador de Santa Justa.

O percurso prossegue então pela rua Padre Luís Aparício, até ao ponto em que esta inflecte para a direcção noroeste – sudeste, onde está prevista a criação de outro elevador, integrado na proposta referente ao convento de Rilhafoles – Hospital Miguel Bombarda.

#### Percurso 2.

##### Santa Marta / Capuchos

Resulta também de uma ligação directa, neste caso entre a Rua da Sociedade Farmacêutica e a Calçada de Santo António, junto ao limite da antiga cerca que constitui, ainda hoje, o limite da propriedade, confirmada pelos altos muros de suporte que nivelaram a implantação dos edifícios da rua Luciano Cordeiro. O seu prolongamento até à cerca do convento dos Capuchos é feito através da mencionada Calçada de Santo António até ao ponto onde esta inflecte para a direcção nascente – poente, onde está previsto o percurso prosseguir através de uma alameda panorâmica que faz parte da proposta de intervenção que respeita ao convento dos Capuchos.

O acesso ao estacionamento subterrâneo previsto na presente proposta, construído nas caves dos edifícios a construir e com serventia garantida não só às habitações e aos espaços de comércio, mas também ao espaço público, é feito com entrada pela Rua da Sociedade Farmacêutica e possui saída pela Calçada de Santa Marta.

#### 2.4.2

##### VALORIZAÇÃO PATRIMONIAL

PLANTA PISO 01.CLAUSTRO CONVENTO STE MARTA. PAGINA 86 I FOLHAS 151

De entre o conjunto de construções que constitui hoje o Hospital de Santa Marta, a igreja, a sala do capítulo, o claustro e os edifícios que o envolvem sobressaem pelo inequívoco valor patrimonial que evidenciam.

Pesem embora as inúmeras campanhas de obras a que foi sujeito, o edificado em que consistia o convento mantém uma presença identificável, revelando-se com singular clareza não só pela implantação, mas também pela estruturação que impõe a todo o espaço definido pela antiga cerca. Por essa razão, importará valorizar a sua presença, eliminando os elementos construídos recentemente que, hoje, se fundem nele desvirtuando-o, alterando-lhe a volumetria e consequentemente a leitura do todo arquitectónico em que consiste. Deste modo, conseguir-se-á recuperar a estruturação e o desenho arquitectural primitivos, alterando a relação do edifício com o exterior e, por consequência, a relação da cidade com o edifício.

Importa conseguir para estes edifícios uma mudança de uso que permita a sua fruição pela sociedade em geral e não apenas por um conjunto restrito de indivíduos que a eles recorrem por necessidade. Conseguir-se-á assim uma maior divulgação do património edificado, garantindo em simultâneo melhores condições para a sua preservação, contribuindo assim para a dignificação e valorização do contributo que estes espaços singulares oferecem à memória colectiva.

### 2.4.3

#### REMATES / INTERLIGAÇÕES

PLANTA PISO 06-12. PAGINA 92 . FOLHAS 21

Como se vem verificando, as malhas urbanísticas que envolvem o antigo convento de Santa Marta têm constituições diferentes que tendem a criar tensões disfuncionais, as quais testam a entropia da cidade. Entenda-se que o espaço da cerca de Santa Marta, como o de qualquer outro dos conventos transformados em equipamentos públicos, constitui-se numa descontinuidade urbana, porque viveu fechado sobre si. Qualquer intervenção que tenda a conectar essas realidades urbanísticas pode resultar numa utopia e como tal fracassar. Articular o desenho serpenteado, estreito e delicado da rua de Santa Marta, à qual estão adossados edifícios notáveis que sempre se relacionaram nos diferentes quadros de desenvolvimento da cidade que os tempos foram propiciando, com o desenho ortogonal, racional e pragmático do Bairro Camões, preenchido por construções anónimas, erigidas por interesse económico direccionado a uma habitação de custo relativamente baixo, é um exercício audaz, senão mesmo arriscado; principalmente porque cada uma dessas malhas urbanas é ocupada por utentes diferentes – não residentes que têm no local o seu posto de trabalho, no primeiro caso, e residentes envelhecidos, reformados e desocupados, no segundo.

A fronteira física entre estas duas estruturas está na parcela que agora se pretende intervencionar – a antiga cerca do convento de Santa Marta. A considerável diferença de nível entre as traseiras dos prédios da rua Luciano Cordeiro e as cotas baixas da cerca, obriga e justifica um fecho que constrói um edifício, o qual encerra os logradouros e afasta as construções, permitindo redesenhar o antigo espaço verde do convento, que pode constituir, hoje, o elemento de união entre o que à partida parece inconciliável – um ponto de descompressão onde as tensões urbanas se podem dissipar.

### 2.5

#### VOCAÇÃO PROGRAMÁTICA

No sentido de preservar o património arquitetónico e urbano por um lado, e torna-lo numa operação sustentável por outro, o proprietário definiu um programa de hotelaria para os edifícios que outrora compuseram o convento, tornando-os assim privados mas de usufruto público, permitindo às populações o desfrutar do património, assegurando a sua sustentabilidade.

Para os edifícios a construir estão previstos o uso comercial, no corpo nascente, ao nível do piso térreo e do que se lhe segue, no corpo que acompanha a travessa de Santa Marta, só no piso térreo; e o habitacional nos restantes pisos de ambos os corpos. O estacionamento desenvolve-se nos dois pisos subterrâneos destes edifícios.

Tendo em vista colmatar a empena do edifício número 2 da rua da Sociedade Farmaceutica, é previsto outro edifício destinado a uso comercial no piso térreo e habitacional nos restantes.

O antigo convento de Santa Marta e o de Rilhafoles constituíam o limite a Norte do Núcleo Histórico da Cidade. São edifícios que pela sua excepcionalidade marcam o território encontrando uma relação justa com o mesmo. Um na linha de cumeeira da colina - o antigo convento Rilhafoles - e o outro, o de Santa Marta no sopé, ajudando a desenhar o magnífico alçado nascente das ruas de Santa Marta, São José e Portas de Santo Antão, que nos levam até ao centro da cidade percorrendo uma sucessão arquitectónica das mais intensas e interessantes de Lisboa.

Libertar e limpar o espaço do claustro e as áreas exteriores anexas aos edifícios do convento, bem como o antigo grande "horto", que se pretende ceder ao município como espaço verde público, será a melhor forma de recuperar o carácter estruturante do edificado, potenciando o seu lado lúdico e devolvendo-lhe o envolvimento paisagístico.

O espaço urbano que se pretende recriar será mais qualificado e humanizado e responderá melhor a uma população muito envelhecida, indo ao encontro da necessidade de rejuvenescer e atrair novas camadas de população para vitalizarem e usufruírem das evidentes vantagens que pode oferecer o centro histórico da cidade.

# MEMÓRIA DESCRITIVA DE ARQUITECTURA PAISAGISTA

FIC Arquitectura Paisagista – Catarina Assis Pacheco

## 3.1

### BREVE APONTAMENTO HISTÓRICO

Território extremamente rico em termos morfológicos, Lisboa cresceu a partir da colina do castelo, ocupando progressivamente os vales e colinas envolventes. Durante séculos, a construção de conventos, cercas, quintas e palácios foi enriquecendo o denso tecido da cidade.

A localização e implantação de quintas e conventos, nas quais a vertente produtiva ou de subsistência eram determinantes, decorria fundamentalmente de factores como: fertilidade dos solos, recursos hídricos, exposição solar e declives, sendo que os vales eram naturalmente os terrenos mais apetecíveis. O enquadramento paisagístico era outro critério de peso, com ênfase particular para a vertente panorâmica sobre o rio.

É neste contexto que no início do século XVII se constrói o Mosteiro das Religiosas Franciscanas Clarissas da Segunda Regra da Invocação de Santa Marta, no sopé da Colina de Sant'Ana, naquela que era à época uma das estradas mais movimentadas da cidade, a Estrada de Andaluz.

Na sua generalidade os conventos eram dotados de cercas – importantes áreas arborizadas que garantiam a sua subsistência e onde funcionavam os hortos e os pomares. Estes espaços eram delimitados por muros e organizados de um modo metódico em talhões com formas geométricas, onde se produziam plantas de interesse culinário ou medicinal, árvores de fruto ou florestais e ainda flores de corte (para ornamentar os altares).

Analisando registos cartográficos do passado (ex. Carta Topográfica da Cidade de Lisboa, Filipe Folque, 1857-9) verifica-se que, para lá do claustro que chegou aos nossos dias, o Convento de Santa Marta era dotado de uma cerca generosa, que se estendia para norte e nascente do conjunto edificado. Nestes espaços, que ainda hoje pertencem ao Hospital, parece ter existido do lado nascente (o mais extenso) um horto ou pomar, com uma peça de água (a uma cota mais alta), a partir da qual se processaria o necessário abastecimento para rega; o patamar a norte apresenta um desenho mais minucioso, dividido em múltiplos talhões, naquilo que poderá ter sido em tempos um horto ajardinado.

## 3.2

### ENQUADRAMENTO NA CIDADE

PLANTA PAISAGISMO. PAGINA 95 | FOLHAS 22

Os objectivos em termos dos espaços exteriores da presente proposta prendem-se, à partida, com a importância dos espaços verdes na cidade.

Genericamente, os espaços verdes são fundamentais para assegurar as funções dos sistemas biológicos, controlar os escoamentos hídricos e atmosféricos, aumentar o conforto bioclimático, contribuir para a melhoria da qualidade do espaço urbano e criar condições de recreio e lazer para a população.

Pela sua localização central na cidade, o Convento de Santa Marta ocupa uma posição estratégica no conjunto de espaços verdes de Lisboa. Em torno do grande eixo da Avenida da Liberdade, ela própria uma

importante artéria arborizada e ajardinada da cidade, destacam-se diversos jardins com grande relevância na Estrutura Ecológica Municipal, tais como o Parque Eduardo VII, o Jardim Botânico da Universidade de Lisboa, o Jardim Alfredo Keil e o Miradouro de São Pedro de Alcântara. Saliente-se ainda, na colina de Sant'Ana, o Jardim do Torel e o Campo dos Mártires da Pátria.

Tendo em conta que a reconversão do Hospital de Santa Marta se inclui numa acção conjunta que integra quatro outros Hospitais Cívicos de Lisboa, todos eles situados na mesma zona da cidade (colina de Sant'Ana), e pressupondo que esta intervenção resultará na criação de novos espaços ajardinados, certamente terá uma contribuição muito positiva para a envolvente próxima e, num âmbito mais alargado, para a própria cidade de Lisboa. Mais ainda se se pensar que a mesma poderá dar o mote para uma ligação efectiva e eficiente entre a cota baixa e a cota alta da cidade, pensando-se todo o espaço exterior como corredor privilegiado de passagem.

### 3.3

#### **DESCRIÇÃO DA PROPOSTA**

PLANTA PAISAGISMO. PAGINA 95 . FOLHAS 22

A intervenção ao nível dos espaços exteriores procura dar resposta à proposta arquitectónica, funcionando as zonas verdes como contraponto aos volumes construídos da nova composição urbana. Nos três grandes momentos que os constituem – claustro, patamar norte e patamar nascente – elege-se um conjunto de acções pontuais, delicadamente desenhadas, que potenciam o uso destes diferentes espaços e lhes dão identidade, ao mesmo tempo que concorrem para a criação de uma peça global coesa.

No claustro, cujo traçado se manteve ao longo dos séculos, a intervenção prende-se claramente com uma acção de restauro. Pretende-se consertar os elementos construídos (nomeadamente o chafariz central, caso seja necessário), recuperar integralmente a estrutura verde e reparar ou substituir pavimentos em mau estado de conservação.

Para o patamar norte, a acção passa pela introdução de um desenho geométrico, simplificando aquilo que terá sido o seu traçado antigo (segundo as plantas de Filipe Folque), de modo a garantir uma maior versatilidade de usos – este espaço poderá funcionar como prolongamento para o exterior das salas do antigo convento, permitindo a realização de eventos de natureza diversa.

Desenha-se então uma peça central quadrada, subdividida em talhões de diferentes dimensões, que poderão ser plantados com ervas aromáticas ou de uso medicinal, numa clara alusão ao que outrora terá sido o horto do convento. Plantar-se-ão sobre esta métrica elementos arbóreos de pequeno ou médio porte, de um modo criterioso, que concorrerão para o incremento do conforto do espaço.

O jardim principal (construído no patamar nascente) deverá ser entendido enquanto espaço de uso público, concretizado de modo a criar uma extensa área verde de lazer. Neste âmbito, julga-se pertinente equacionar a criação de um jardim efectivo, que promova a requalificação ambiental e paisagística desta área, revitalizando e acompanhando a dinâmica funcional a implementar e promovendo todas as ligações possíveis e necessárias.

Prevê-se assim o estabelecimento de uma zona essencialmente permeável, concretizada por uma generosa peça verde central, modelada, que promova a infiltração das águas pluviais. Este espaço funcionará como uma clareira para contemplação ou recreio livre, contribuindo para o conforto dos habitantes como fonte

de ar fresco, área permeável de infiltração das águas pluviais, absorção de poeiras e elemento protector da radiação solar.

Periféricamente deverá ser plantada uma orla arbórea, constituída por espécies de grande ou médio porte e folha caduca, que funcione como elemento integrador dos novos volumes construídos previstos para a periferia. Ao longo do embasamento dos dois novos edifícios será criada uma plataforma pavimentada contínua, onde poderão surgir esplanadas dos futuros espaços comerciais.

Entre os diversos espaços e ao longo dos limites da área de intervenção, serão criadas peças verdes de enquadramento, algumas das quais desniveladas e amparadas por muros de contenção. Estas peças, para lá de moldarem a transição entre os diferentes níveis, garantem a necessária integração paisagística do novo conjunto construído na topografia da cidade, protegendo em relação a vistas menos interessantes.

Dos vários patamares poder-se-á aceder às diferentes cotas da cidade, através de um conjunto de percursos pedonais a implantar – escadas, rampas e elevadores – amplificando-se deste modo as ligações com o tecido urbano envolvente. No sentido de alargar ainda mais estes fluxos, seria interessante ponderar a abertura ao público de alguns dos logradouros privados presentes em torno da área de intervenção. Esta abertura, mesmo que sujeita a horário de funcionamento, concorreria sem dúvida para uma maior fluidez dos habitantes, assim como para uma fruição efectiva dos espaços exteriores da cidade.

### **3.4 MATERIAIS E SOLUÇÕES CONSTRUTIVAS**

A escolha de pavimentos e revestimentos deverá assentar em critérios de funcionalidade, durabilidade e adaptação à situação em causa, pretendendo-se optar por materiais simples e cromaticamente adaptados à envolvente. Dever-se-á recorrer a materiais pétreos (lajedos, paralelepípedos, ou cubos), saibros e gravilhas soltas, consoante as zonas em questão.

Os muros de contenção a construir na área de intervenção e os muros periféricos existentes, deverão ser devidamente tratados preconizando-se, em alguns casos, o seu revestimento com espécies trepadeiras.

Na selecção do elenco vegetal privilegiar-se-ão espécies adaptadas às especificidades do projecto e características da paisagem da cidade, notáveis pela floração ou pela folhagem que apresentam em determinada altura do ano – desta forma, dar-se-á ênfase à mutação gradual do lugar, resultando numa variação do espaço no tempo atractiva e referenciável para os utilizadores directos ou indirectos. Tanto ao nível do estrato arbóreo como arbustivo, preconiza-se o recurso alternado a espécies caducas e persistentes, no sentido de enfatizar a dinâmica dos jardins através de texturas, luz e cores diferenciadas.

Nesse sentido, na composição do horto, propõe-se a plantação de espécies como: *Citrus limon* (limoeiro), *Citrus aurantium* (laranjeira), *Prunus persica* (pessegueiro), *Punica granatum* (romãzeira), *Rosmarinus officinalis* (alecrim), *Lavandula stoechas* (rosmaninho), *Thymus vulgaris* (tomilho), *Salvia officinalis* (salva) e *Verbena officinalis* (verbena), entre outras.

No jardim principal dever-se-á recorrer a espécies arbóreas de maior porte, do tipo: *Juglans regia* (nogueira), *Tilia cordata* (tília), *Aesculus hippocastanum* (castanheiro-da-índia), *Fraxinus angustifolia* (freixo) ou *Alnus glutinosa* (amieiro), intercaladas com exemplares mais pequenos do género *Prunus dulcis* (amendoeira), *Olea europaea* var. *sylvestris* (zambujeiro) e *Cercis siliquastrum* (olaia). Propõe-se para o estrato arbustivo a

plantação de arbustos rústicos, típicos da região, como: *Myrtus communis* (murta), *Laurus nobilis* (loureiro), *Viburnum tinus* (folhado) ou *Spirea cantoniensis* (sempre-noiva).

As peças verdes de enquadramento ou transição de cotas deverão ser compostas pelo mesmo elenco florístico, recorrendo-se no entanto a árvores de porte colunar ao longo da periferia para a criação de barreiras visuais eficientes, plantando-se *Populus nigra* var. *italica* (choupo-de-italia), *Ginkgo biloba* (ginkgo) ou *Cupressus sempervirens* (cipreste).

O elenco de trepadeiras a instalar ao longo dos muros deverá ser perfeitamente adaptado a cada situação específica (nomeadamente, à exposição solar de cada caso), estabelecendo-se os contrastes desejáveis entre espécies de folha caduca e persistente, de floração simples ou notável, entre outras características, resultando o todo numa composição coerente e valorizadora do conjunto.

Para facilitar a manutenção dos espaços no futuro, propõe-se a instalação de um sistema de rega automatizado nas zonas verdes, que inclua a rega por aspersão das áreas de relva e por gota-a-gota nos volumes arbustivos e árvores em caldeira.

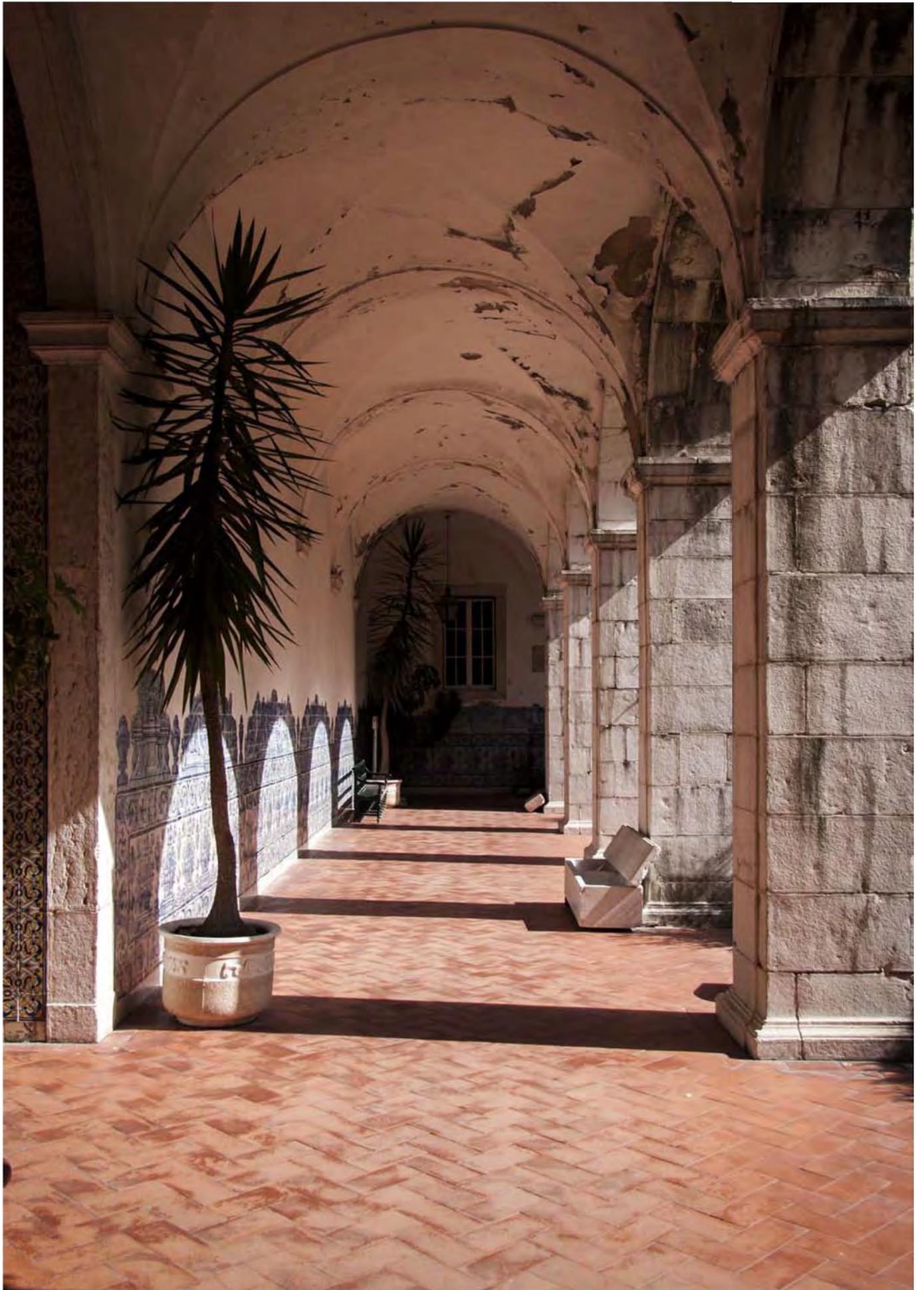
Ao nível da recolha de águas pluviais, preconiza-se a instalação de um sistema de drenagem superficial e sub-superficial eficaz para os pavimentos e áreas verdes, sempre que necessário.

No que diz respeito à iluminação exterior, dever-se-á recorrer a modelos resistentes e de design cuidado, implantados de maneira a assegurar o balizamento dos percursos e acessos e a valorizar os exemplares arbóreos mais interessantes e as frentes arbustivas mais expressivas.

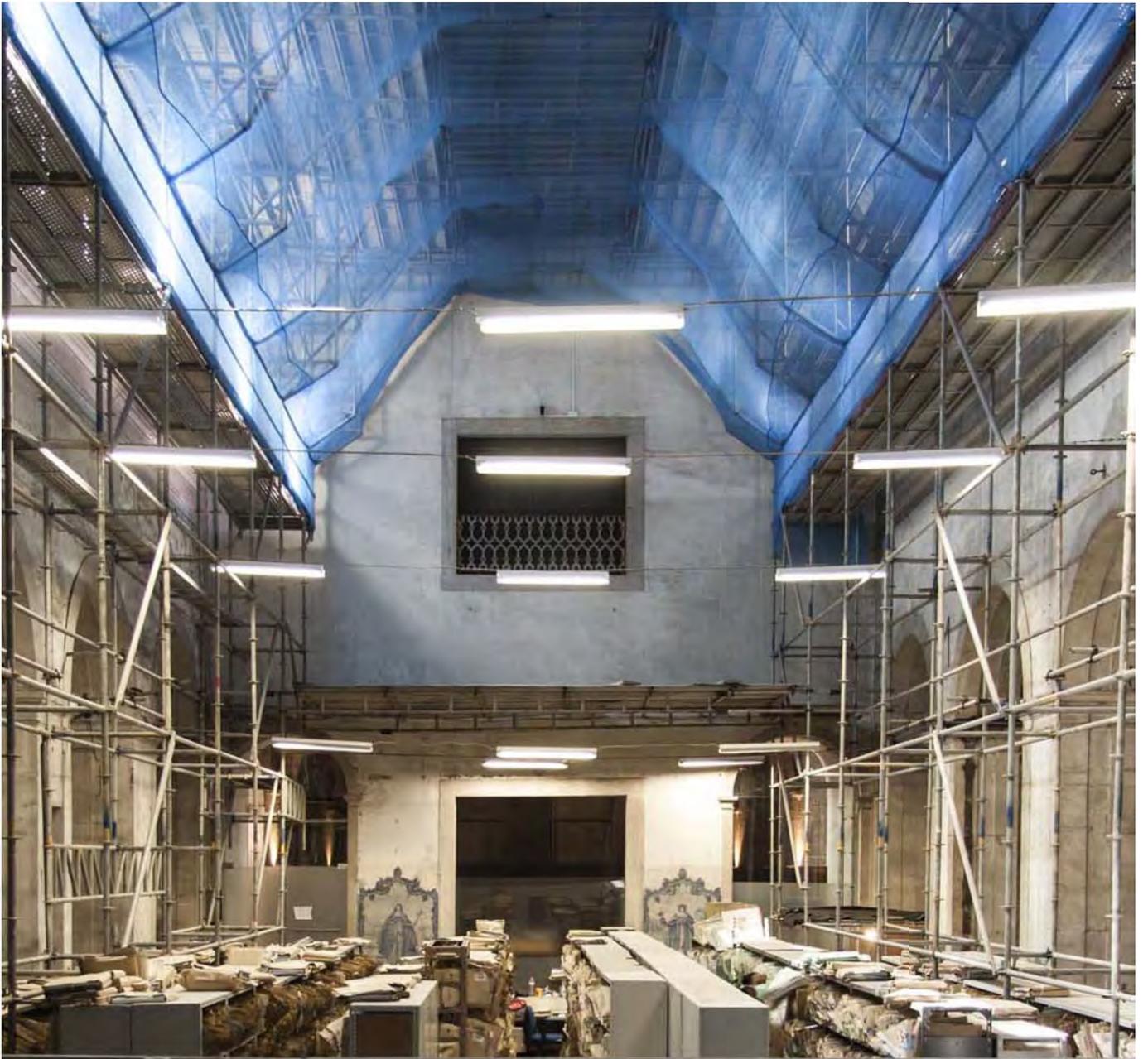
Quanto à linha de mobiliário urbano a implementar, dever-se-á optar por uma gama completa resistente e adaptada a este caso particular, com linhas sóbrias perfeitamente conciliadas com a linguagem arquitectónica da envolvente próxima.











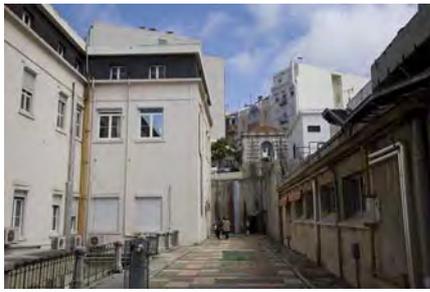
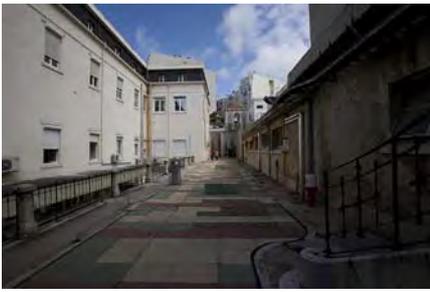




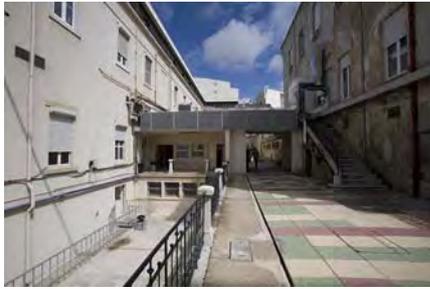
















ESTRADA QUE IA DE SANTO ANTÃO À PALHAVÃ - - - - -

EDIFÍCIOS NOTÁVEIS —————

01 – HOSPITAL DE SÃO JOSÉ

02 – HOSPITAL DO DESTERRO

03 – HOSPITAL SANTO ANTÓNIO DOS CAPUCHOS

04 – HOSPITAL DE SANTA MARTA

05 – HOSPITAL MIGUEL BOMBARDA

LIMITE PROPRIEDADE —————

CERCA FERNANDINA —————

LIMITE DA CIDADE NO SÉC. XIX —————

**PLANTA LOCALIZAÇÃO ENQUADRAMENTO**  
 PEDIDO DE INFORMAÇÃO PRÉVIA A PROJECTO DE LOTEAMENTO PARA O (HOSPITAL) CONVENTO DE SANTA MARTA







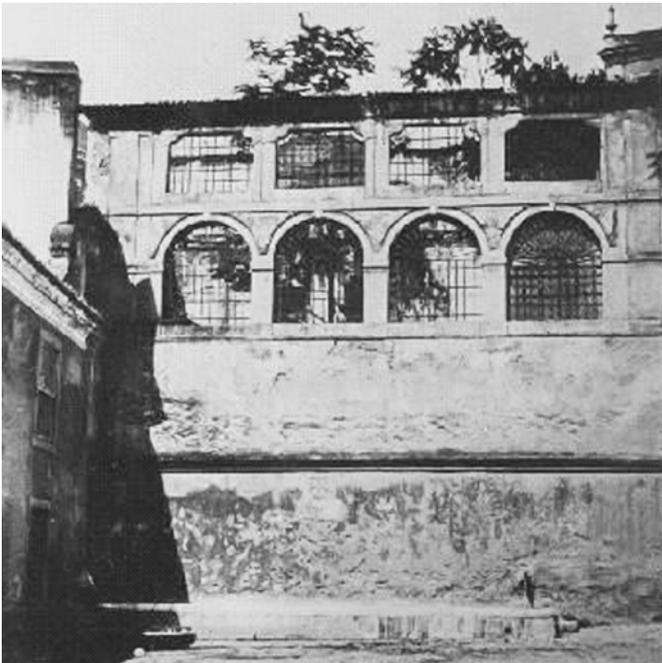
01 – LARGO DE SÃO DOMINGOS



02 – RUA DE SANTA MARTA



03 – PALÁCIO JOSÉ MARIA EUGÉNIO, LARGO DE SÃO SEBASTIÃO



a1 – CHAFARIZ ANDADUZ

a2 – CHAFARIZ DE SÃO SEBASTIÃO DA PEDREIRA



O PLANO DA AVENIDA DA LIBERDADE  
E O BAIRRO BARATA SALGUEIRO  
O BAIRRO CAMÕES  
PERCURSO PEDONAL





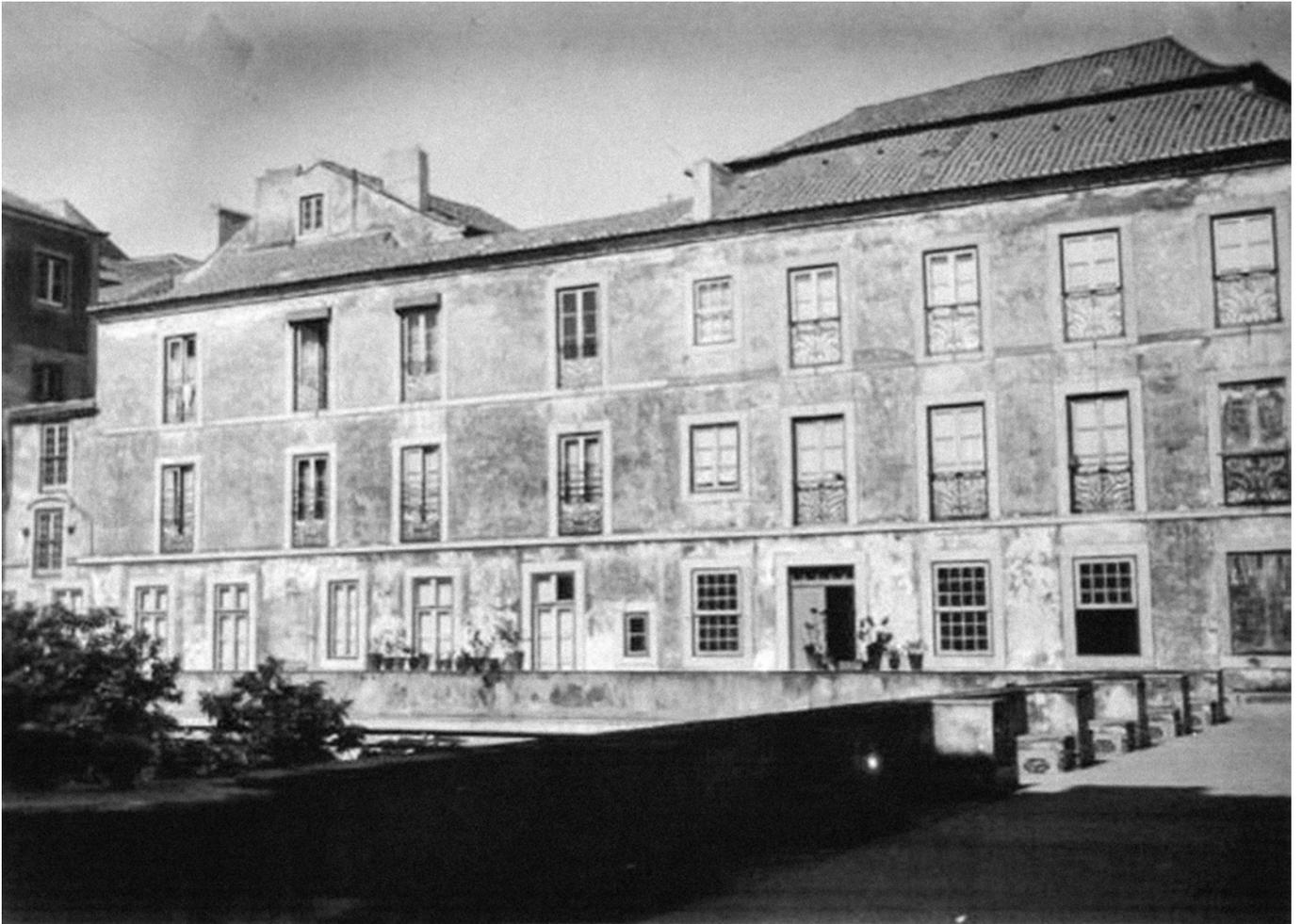
CARTA TOPOGRAFICA I FILIPE FOLQUE I 1875/1858  
PEDIDO DE INFORMAÇÃO PRÉVIA A PROJECTO DE LOTEAMENTO PARA O (HOSPITAL) CONVENTO DE SANTA MARTA

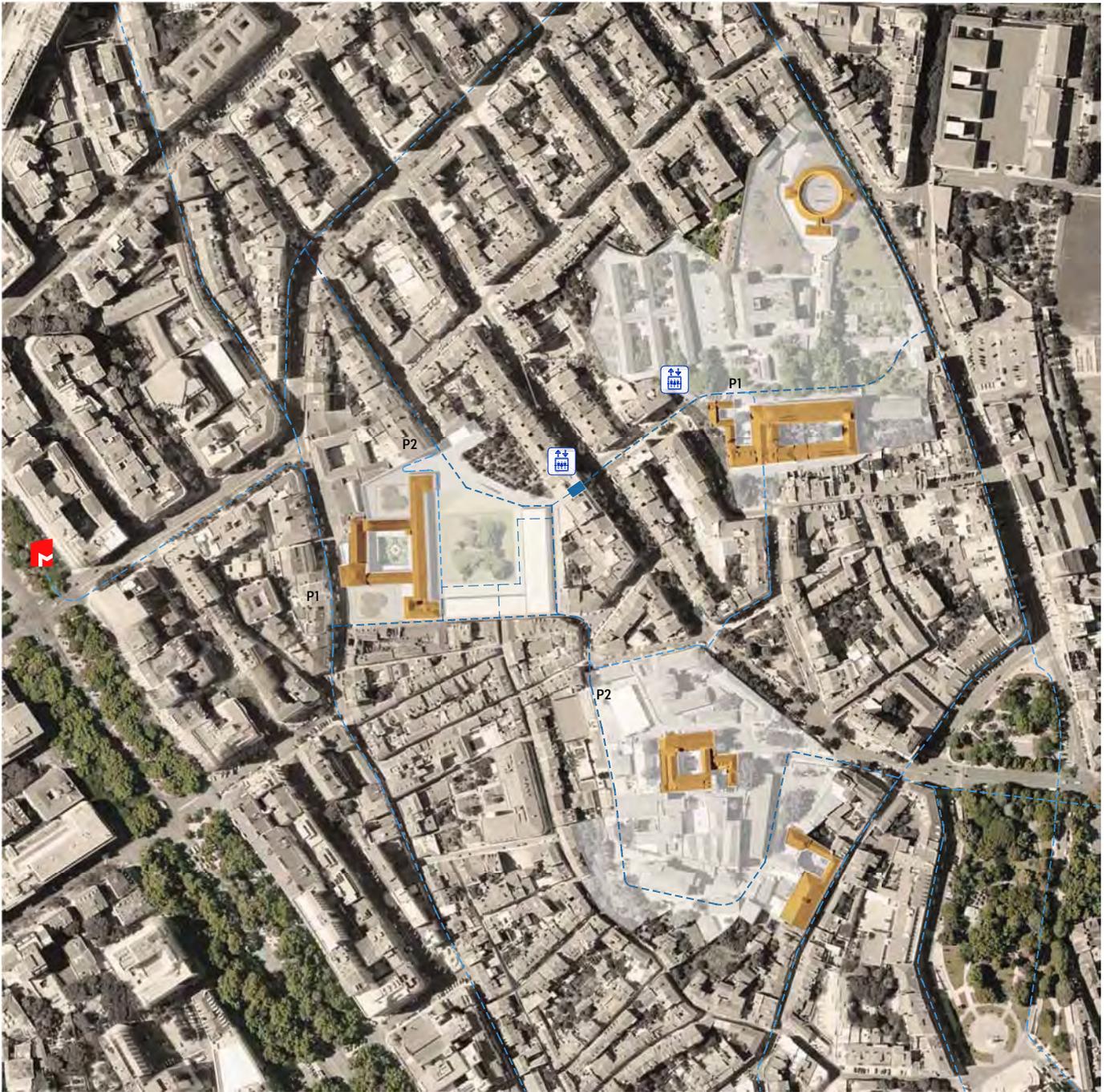






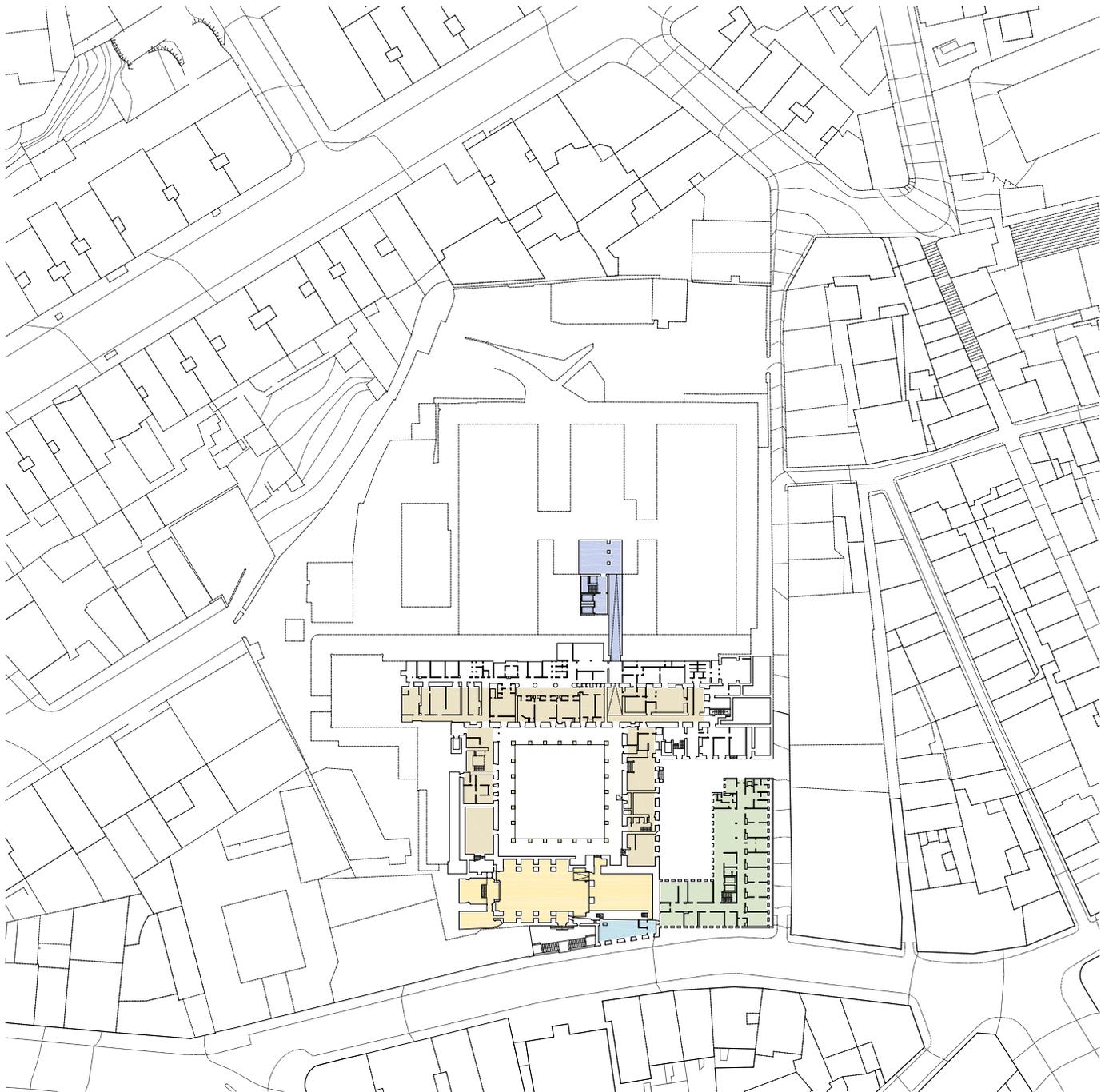
CARTA TOPOGRAFICA | SILVA PINTO | 1904/1911  
PEDIDO DE INFORMAÇÃO PRÉVIA A PROJECTO DE LOTEAMENTO PARA O (HOSPITAL) CONVENTO DE SANTA MARTA



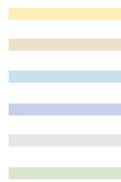


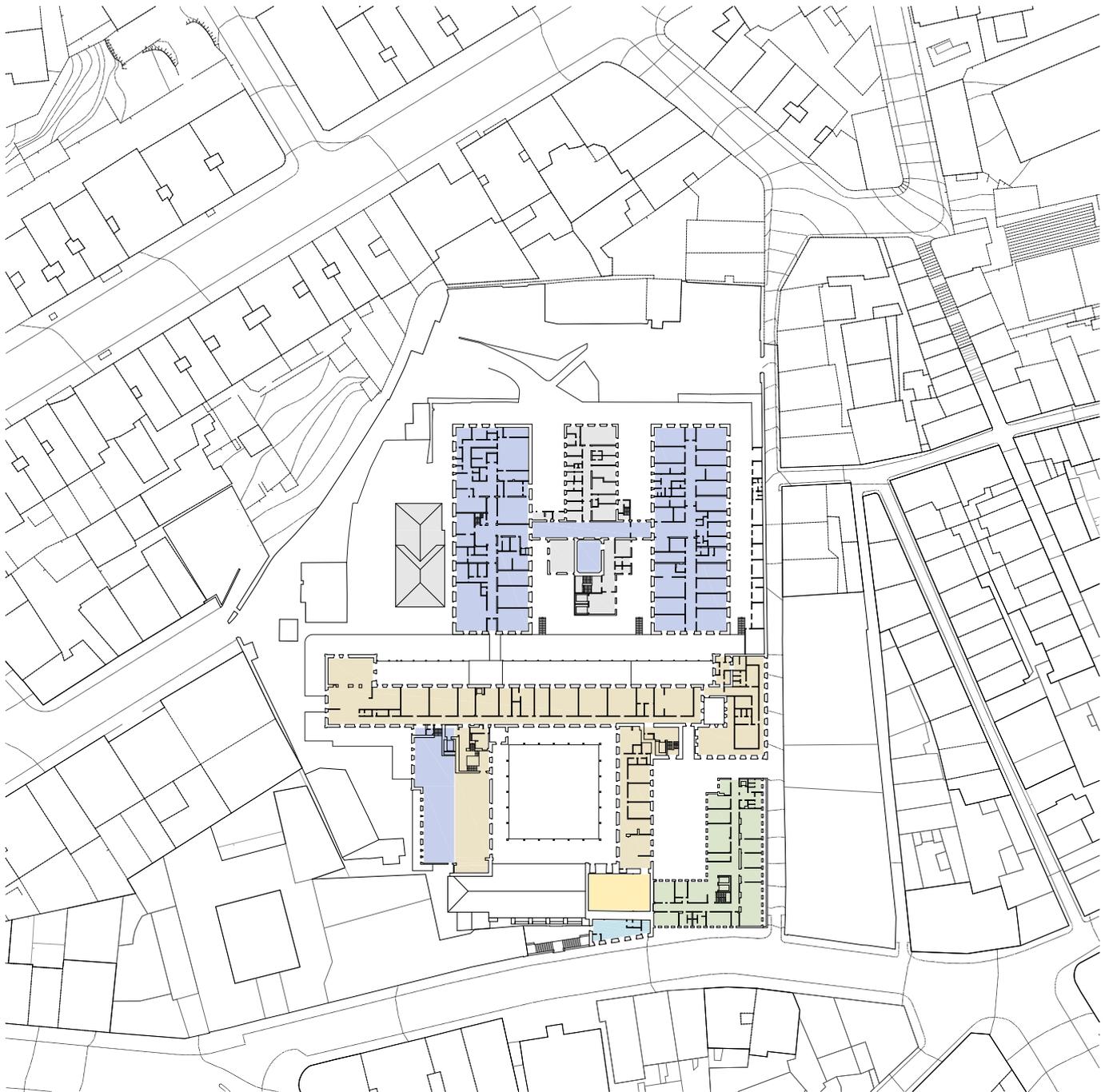
PERCURSO PEDONAL





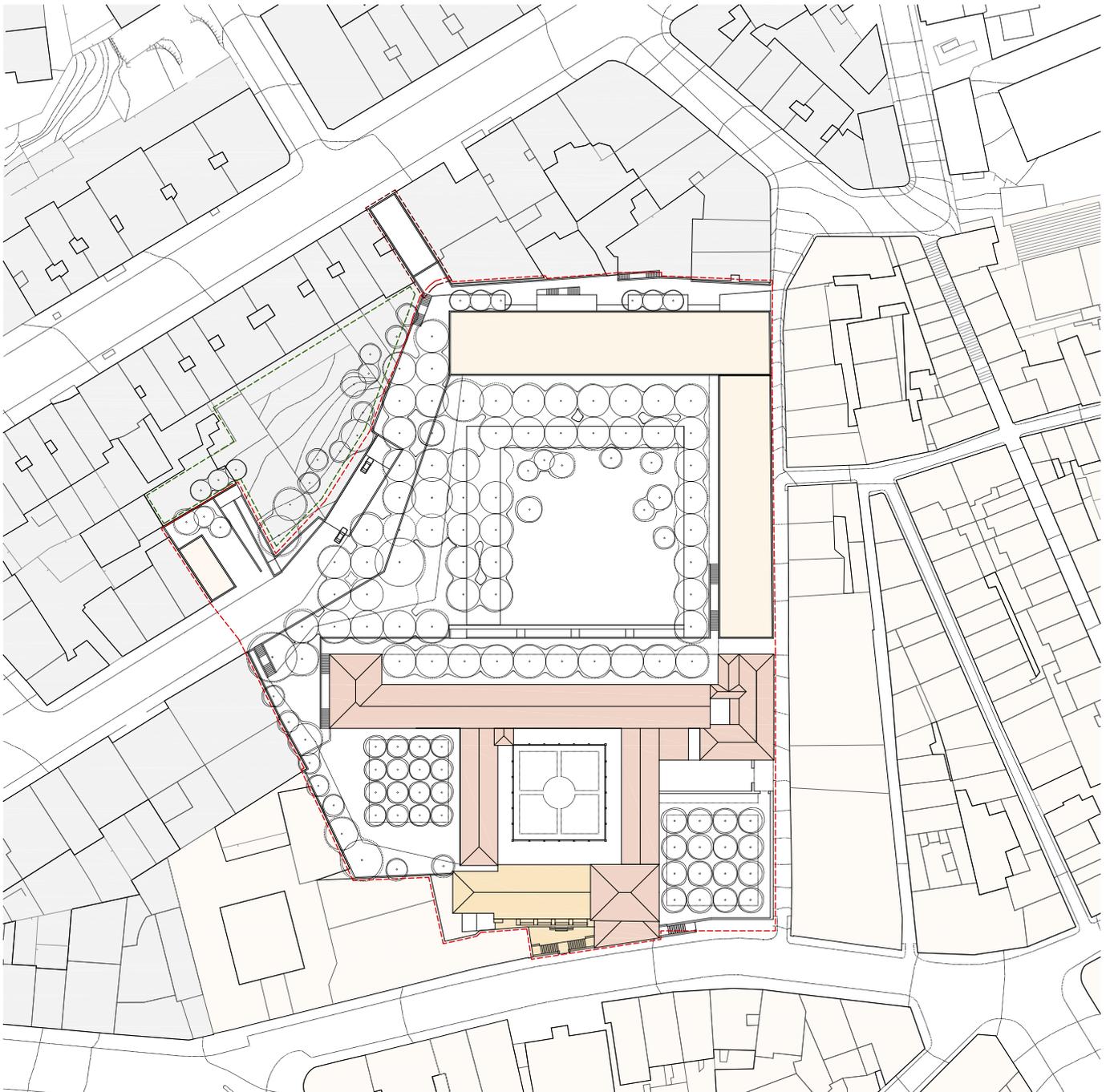
SÉCULO XVI  
SÉCULO XVII  
SÉCULO XIX  
1905 – 1908  
1957 – 1960  
1970





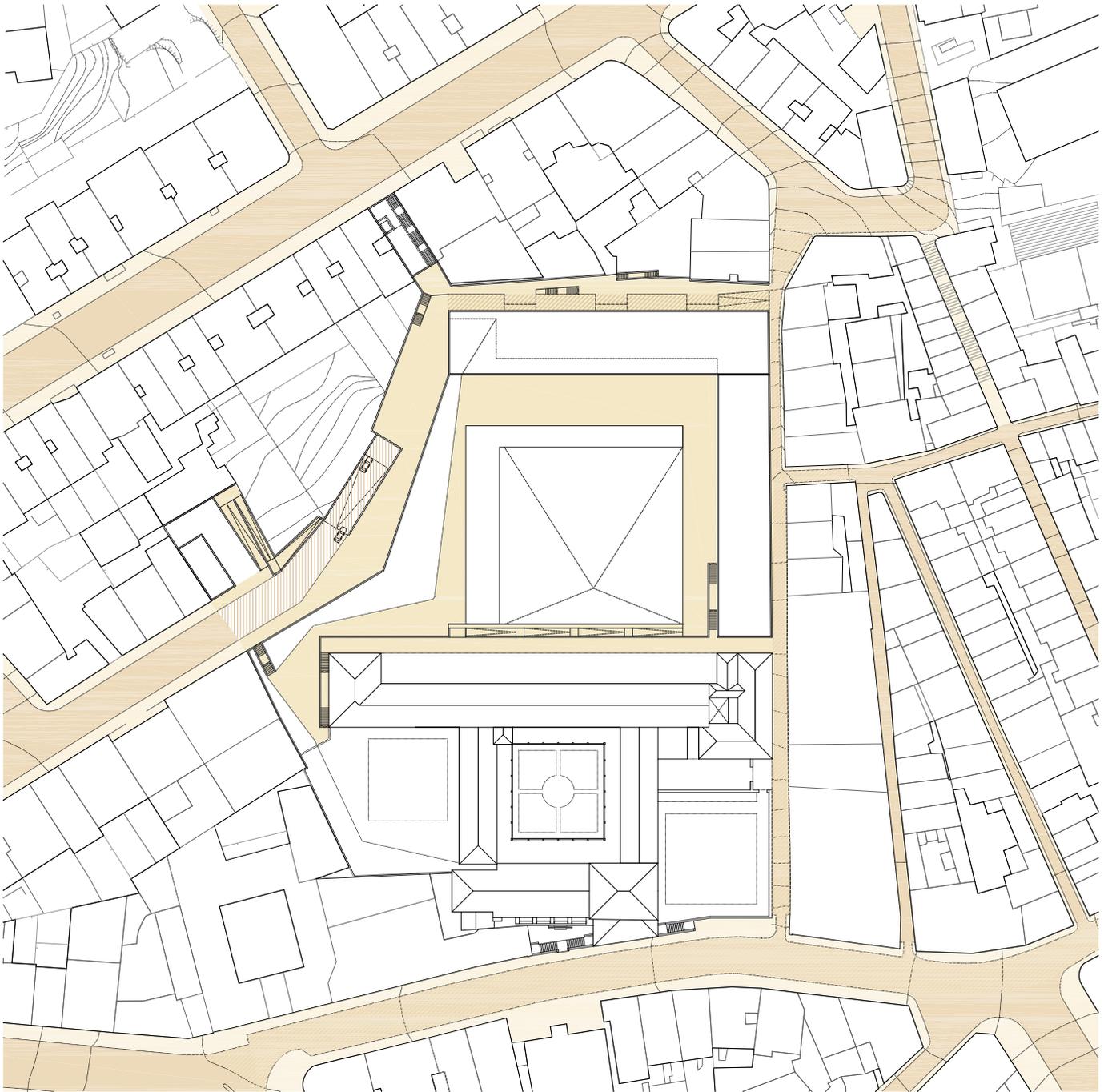
SÉCULO XVI  
SÉCULO XVII  
SÉCULO XIX  
1905 – 1908  
1957 – 1960  
1970



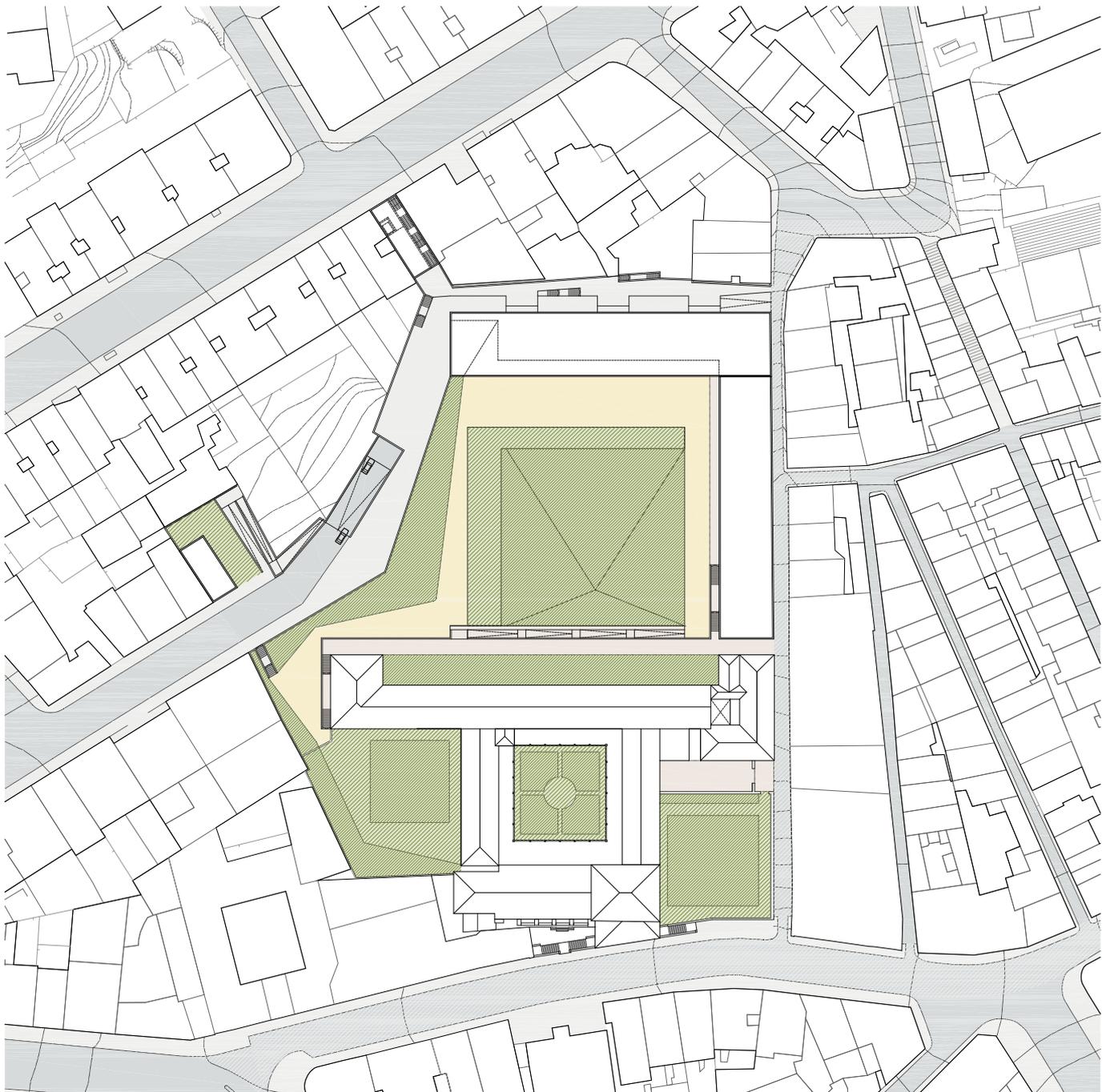


- MONUMENTOS NACIONAIS  
IGREJA DE SANTA MARTA E SALA DO CAPÍTULO
  
- PERÍMETRO DA PROPRIEDADE EM ESTUDO  
LOTE DO HOSPITAL DE SANTA MARTA
- PERÍMETRO DA PROPRIEDADE EM ESTUDO  
LOTE DA RUA LUCIANO CORDEIRO
  
- LOGRADOURO VERDE PERMEÁVEL A PRESERVAR
  
- ESPAÇOS CENTRAIS E RESIDENCIAIS  
TRAÇADO URBANO A
- ESPAÇO CENTRAIS E RESIDENCIAIS  
TRAÇADO URBANO B

**PLANTA COBERTURA**  
 PEDIDO DE INFORMAÇÃO PRÉVIA A PROJECTO DE LOTEAMENTO PARA O (HOSPITAL) CONVENTO DE SANTA MARTA

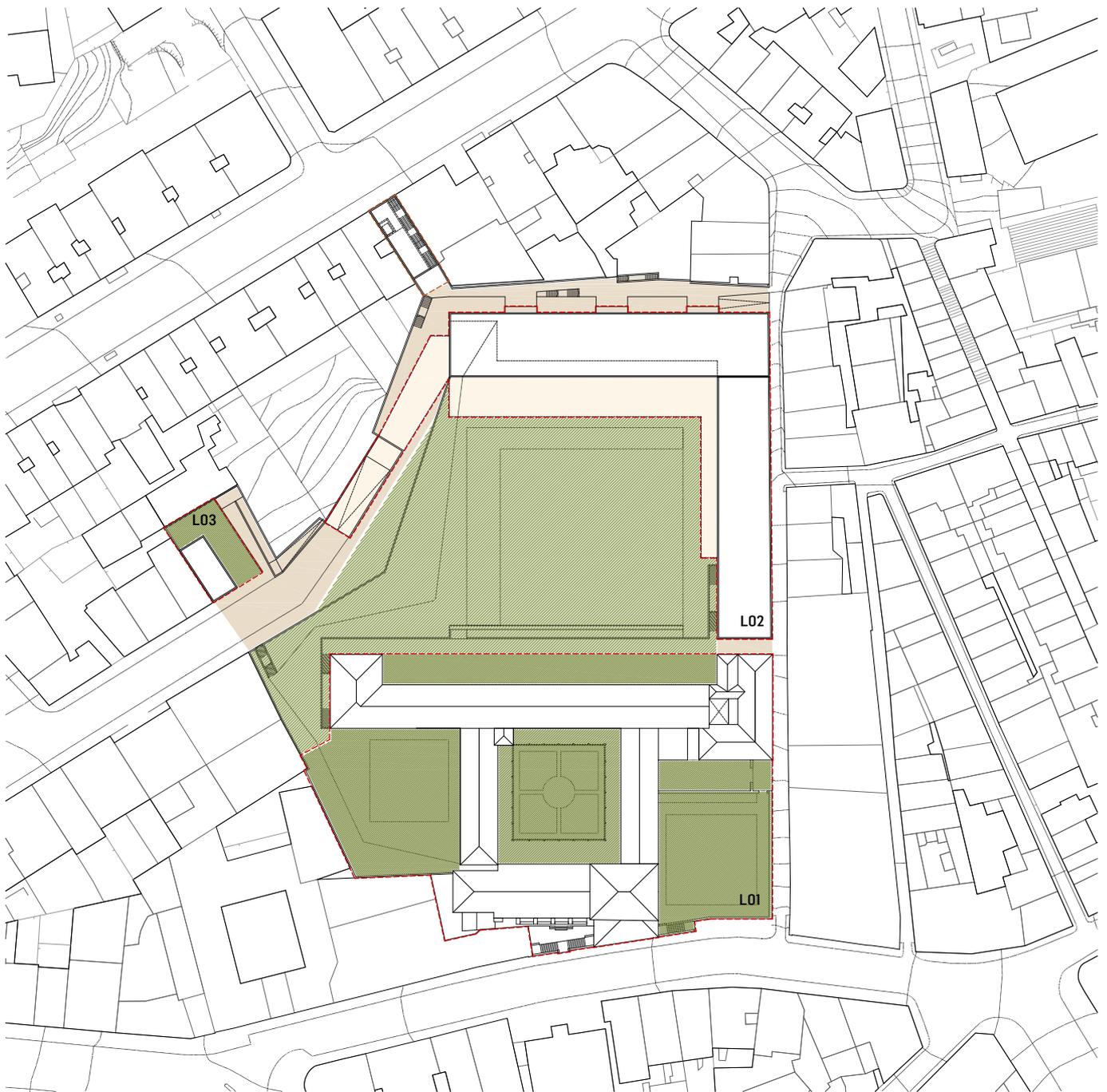


- CIRCULAÇÃO AUTOMÓVEL PROPOSTA
- CIRCULAÇÃO AUTOMÓVEL CONDICIONADA PROPOSTA
- CIRCULAÇÃO AUTOMÓVEL EXISTENTE
  
- CIRCULAÇÃO PEDONAL PROPOSTA
- CIRCULAÇÃO PEDONAL PROPOSTA
- CIRCULAÇÃO PEDONAL EXISTENTE

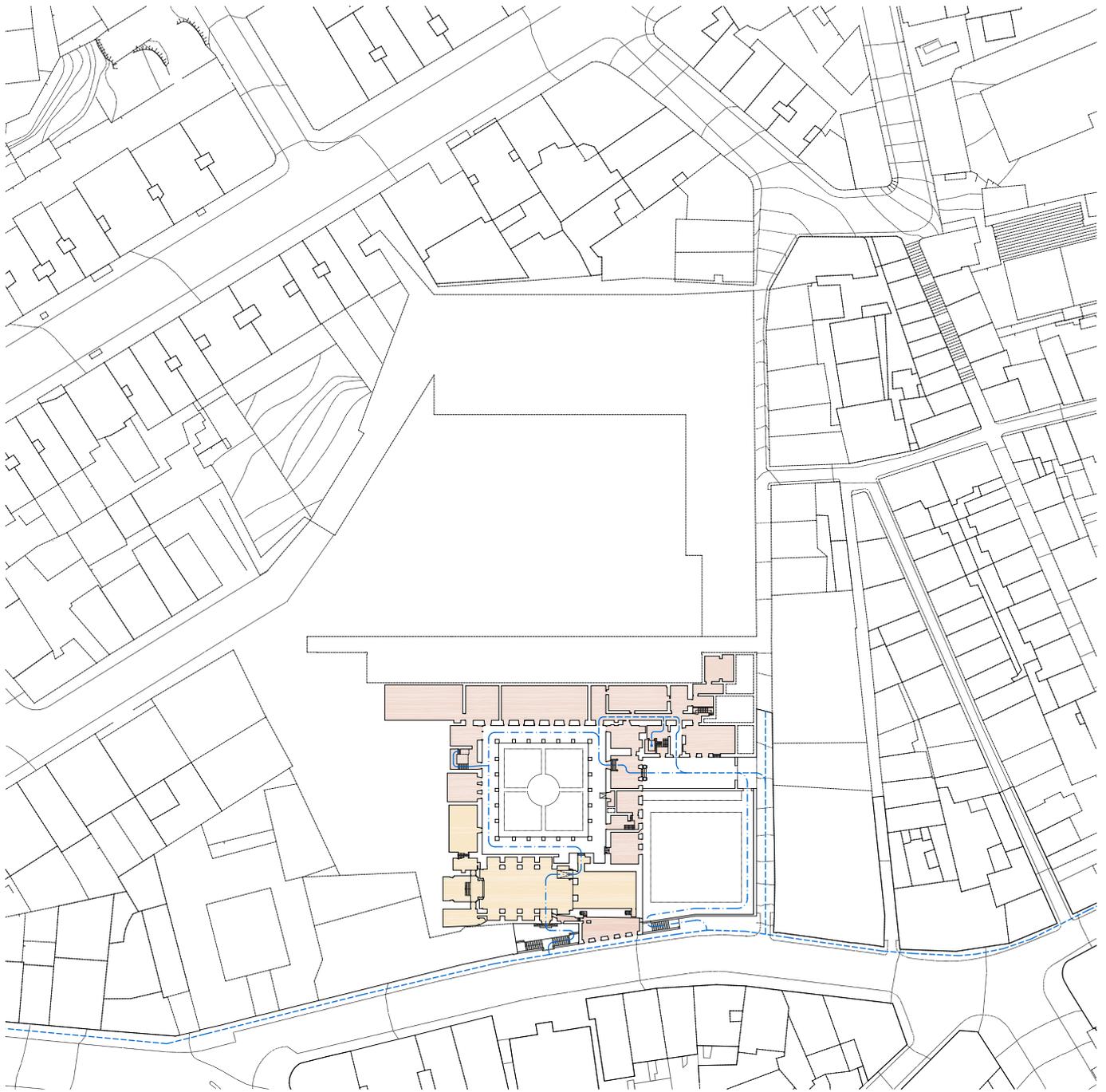


- ESPAÇO VERDE
- CALÇADA PORTUGUESA
- CALÇADA PORTUGUESA PROPOSTA
- CALÇADA EM GRANITO
- PAVIMENTO EM LIOZ
- PAVIMENTO EM SAIBRO COMPACTADO





- PERÍMETRO DOS LOTES - - - - -
- PERÍMETRO DO LOTE EDIFÍCIO ELEVADOR  
(EDIFÍCIO ADQUIRIR PELA C.M.L.) - - - - -
- LOTE – L01**  
HOTEL (57QUARTOS)
- LOTE – L02**  
ÁREA HABITACIONAL (86 TIPOLOGIAS)  
ÁREA COMERCIAL (14 LOJAS)  
ESTACIONAMENTO (196 LUGARES)
- LOTE – L03**  
ÁREA HABITACIONAL (04 TIPOLOGIAS)  
ÁREA COMERCIAL (01 LOJAS)
- ESPAÇO PRIVADO I USO FRUTO PÚBLICO  
HOTELARIA ▨▨▨▨▨▨▨▨▨▨
- ESPAÇO PRIVADO I USO FRUTO PÚBLICO  
EDIFÍCIO DE HABITAÇÃO ▨▨▨▨▨▨▨▨▨▨
- ESPAÇO PÚBLICO I ZONA VERDE ▨▨▨▨▨▨▨▨▨▨
- ESPAÇO PÚBLICO I ARRUELOS ▨▨▨▨▨▨▨▨▨▨



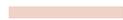
PERCURSOS PEDONAIS  
(ACESSIBILIDADE SUAVE E ASSISTIDA)



PERCURSOS PEDONAIS

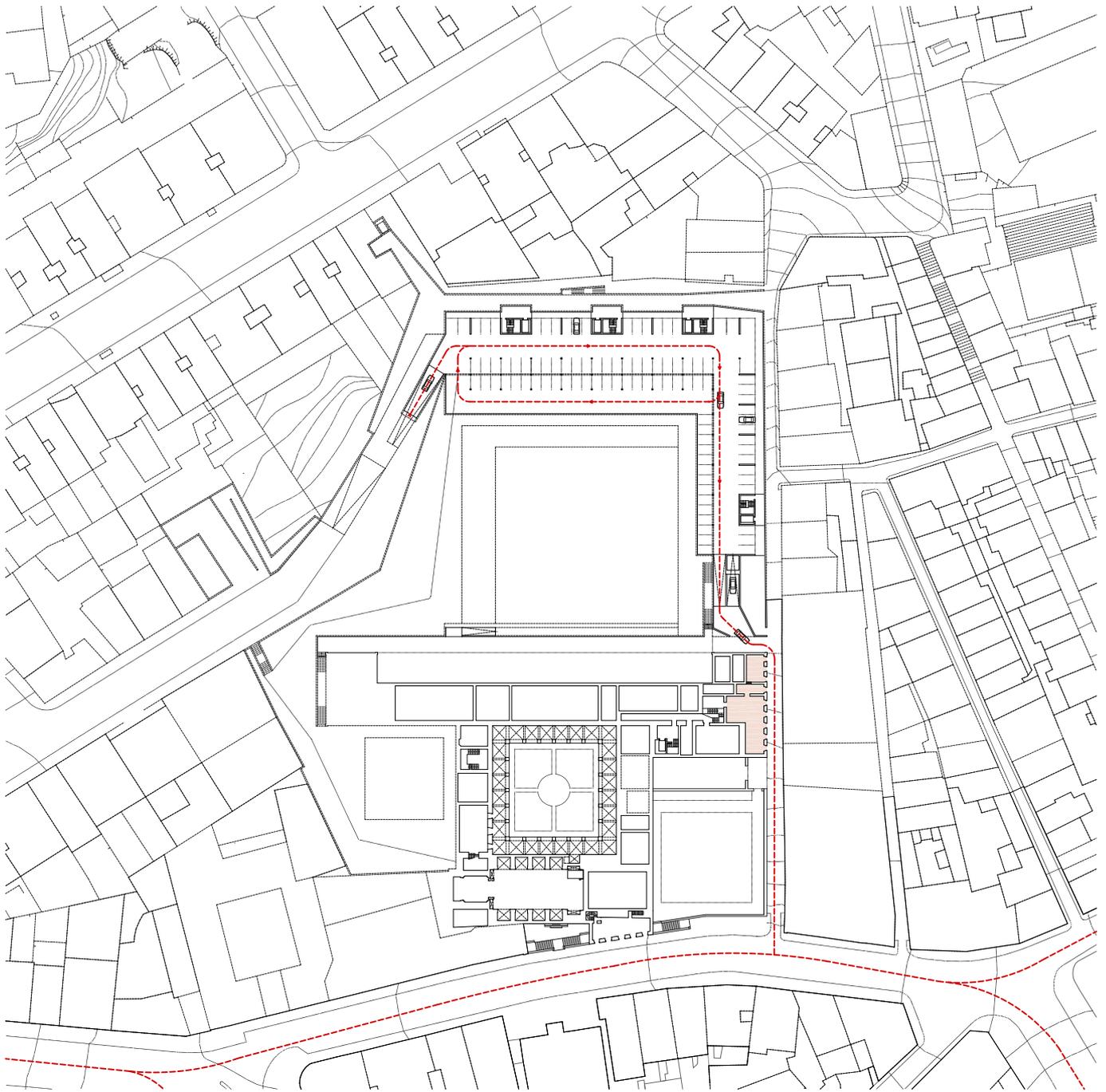


HOTEL (57 QUARTOS)



MONUMENTOS NACIONAIS  
IGREJA DE SANTA MARTA E SALA DO CAPÍTULO





PERCURSOS AUTOMÓVEL



LOTE – L01

HOTEL (57 QUARTOS)

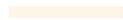


LOTE – L02

ÁREA HABITACIONAL (86 TIPOLOGIAS)

ÁREA COMERCIAL (14 LOJAS)

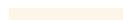
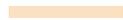
ESTACIONAMENTO (196 LUGARES)



LOTE – L03

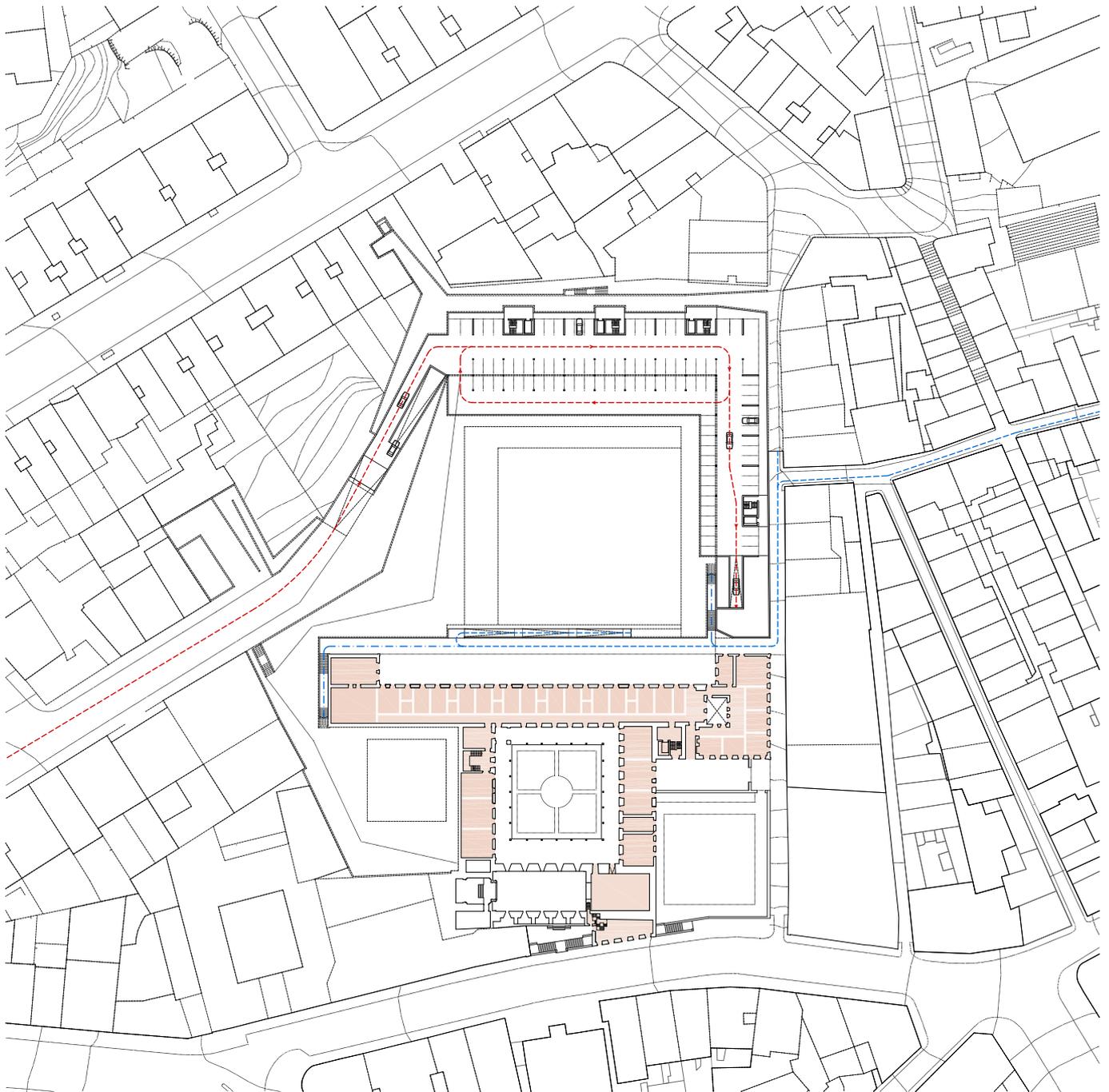
ÁREA HABITACIONAL (04 TIPOLOGIAS)

ÁREA COMERCIAL (01 LOJAS)



**PLANTA PISO 01A**

PEDIDO DE INFORMAÇÃO PRÉVIA A PROJECTO DE LOTEAMENTO PARA O (HOSPITAL) CONVENTO DE SANTA MARTA



PERCURSOS PEDONAIS  
(ACESSIBILIDADE SUAVE E ASSISTIDA)

PERCURSOS PEDONAIS

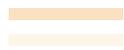
PERCURSOS AUTOMÓVEL



LOTE – L01  
HOTEL (57 QUARTOS)



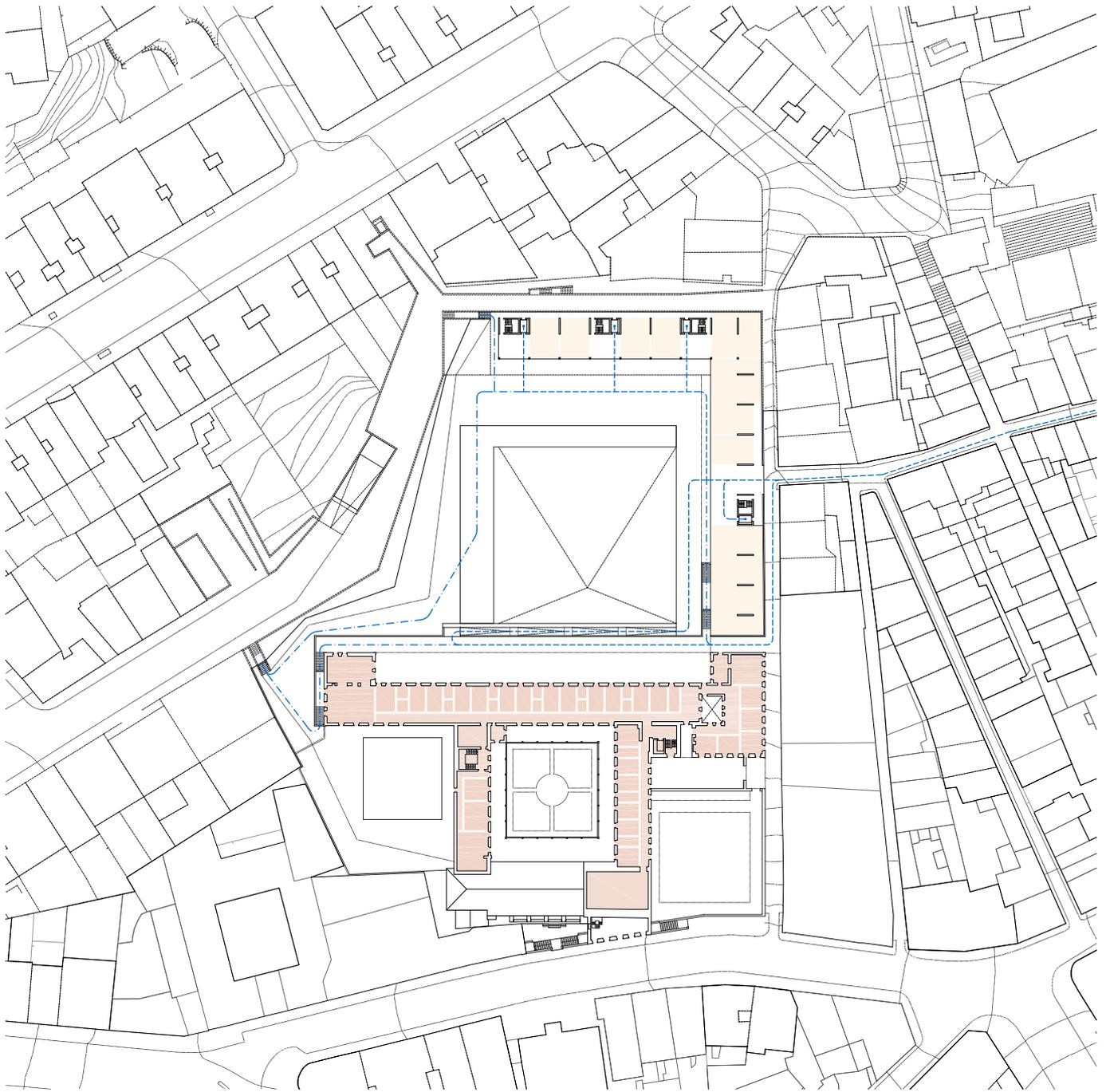
LOTE – L02  
ÁREA HABITACIONAL (86 TIPOLOGIAS)  
ÁREA COMERCIAL (14 LOJAS)  
ESTACIONAMENTO (196 LUGARES)



LOTE – L03  
ÁREA HABITACIONAL (04 TIPOLOGIAS)  
ÁREA COMERCIAL (01 LOJAS)



**PLANTA PISO 02**  
PEDIDO DE INFORMAÇÃO PRÉVIA A PROJECTO DE LOTEAMENTO PARA O (HOSPITAL) CONVENTO DE SANTA MARTA



PERCURSOS PEDONAIS  
(ACCESSIBILIDADE SUAVE E ASSISTIDA)

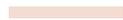


PERCURSOS PEDONAIS



LOTE – L01

HOTEL (57 QUARTOS)



LOTE – L02

ÁREA HABITACIONAL (86 TIPOLOGIAS)

ÁREA COMERCIAL (14 LOJAS)

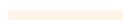
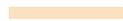
ESTACIONAMENTO (196 LUGARES)



LOTE – L03

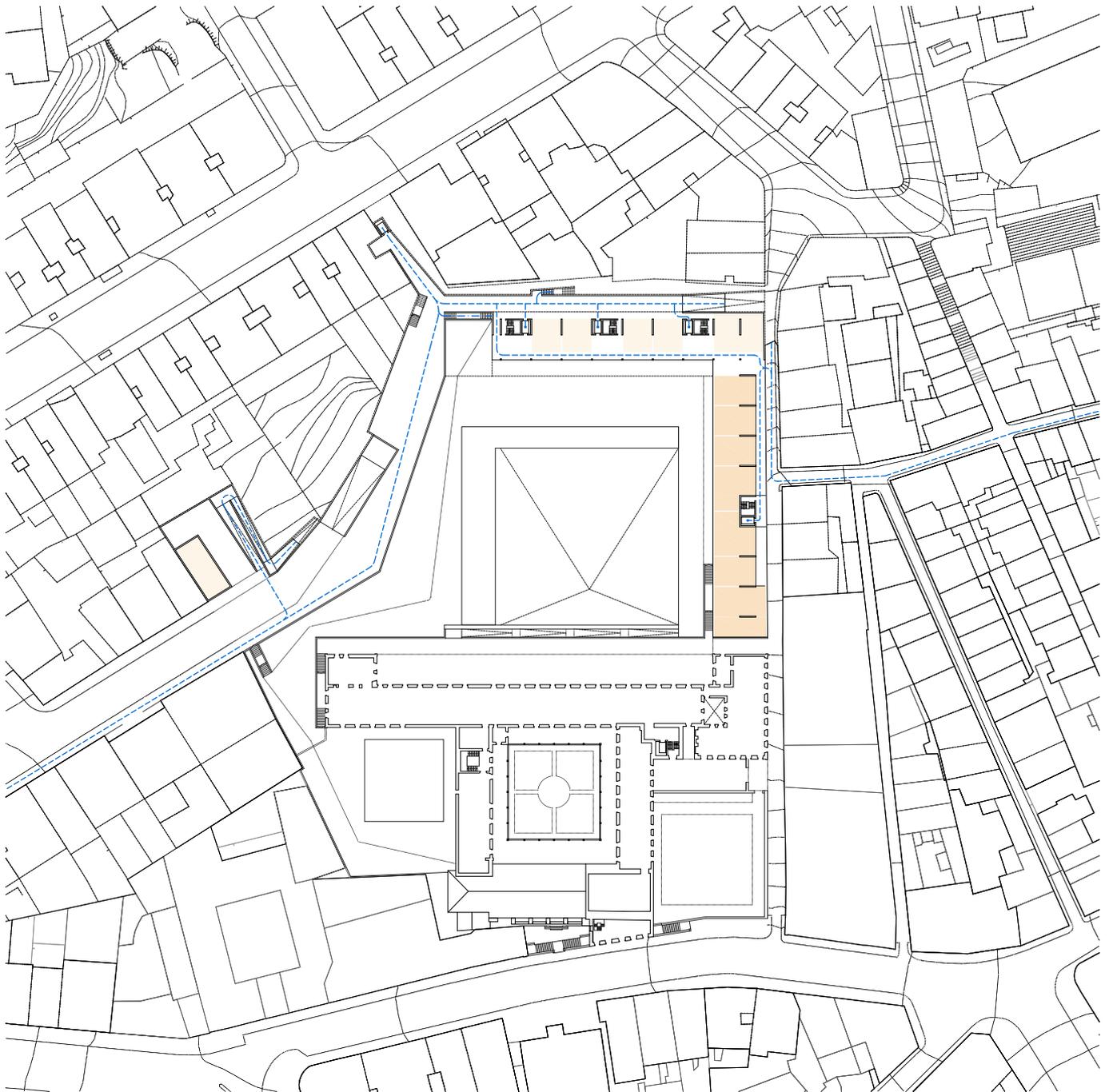
ÁREA HABITACIONAL (04 TIPOLOGIAS)

ÁREA COMERCIAL (01 LOJAS)



**PLANTA PISO 03**

PEDIDO DE INFORMAÇÃO PRÉVIA A PROJECTO DE LOTEAMENTO PARA O (HOSPITAL) CONVENTO DE SANTA MARTA



PERCURSOS PEDONAIIS  
(ACCESSIBILIDADE SUAVE E ASSISTIDA)

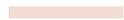


PERCURSOS PEDONAIIS



LOTE – L01

HOTEL (57 QUARTOS)



LOTE – L02

ÁREA HABITACIONAL (86 TIPOLOGIAS)

ÁREA COMERCIAL (14 LOJAS)

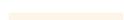
ESTACIONAMENTO (196 LUGARES)



LOTE – L03

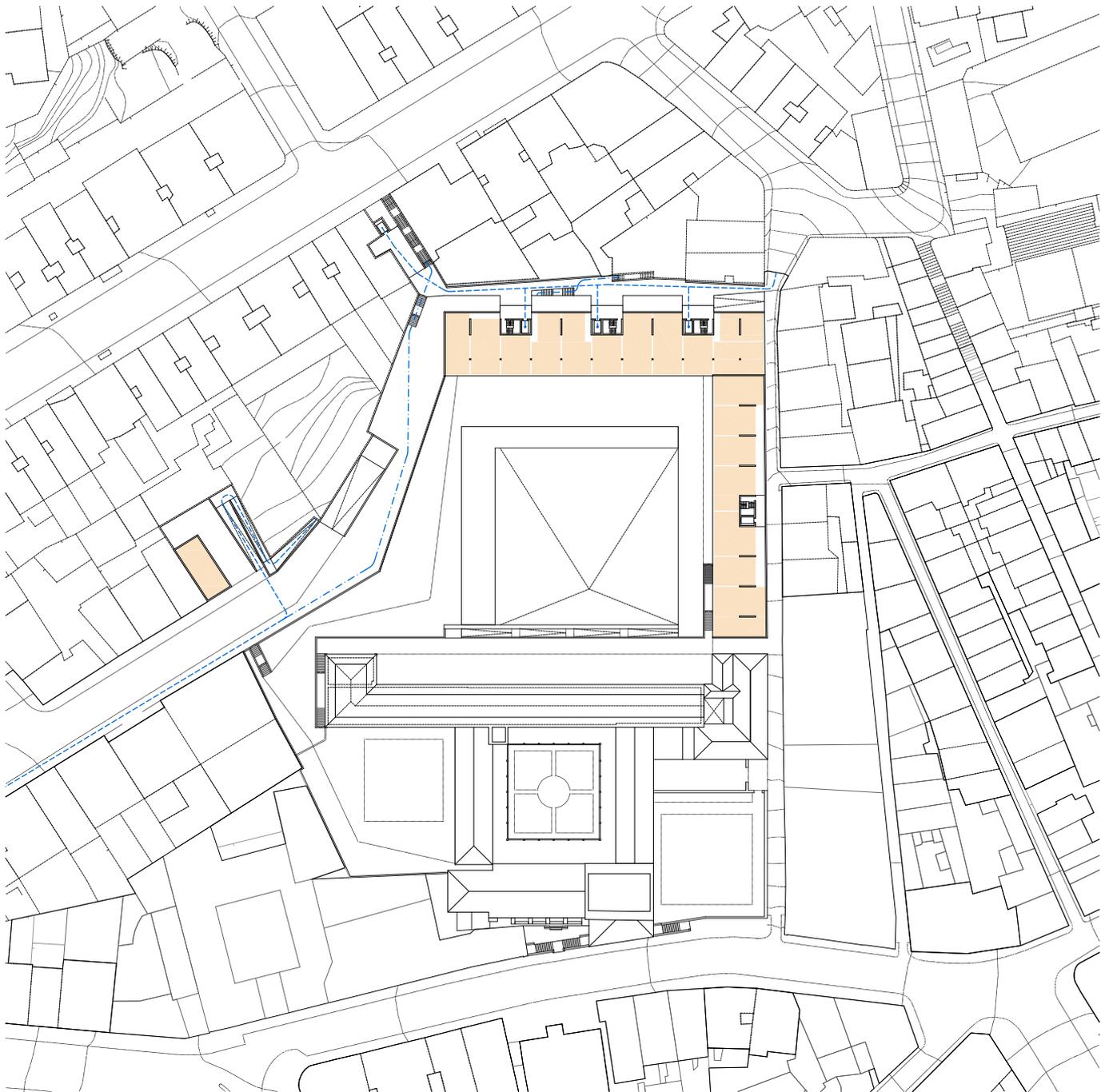
ÁREA HABITACIONAL (04 TIPOLOGIAS)

ÁREA COMERCIAL (01 LOJAS)



**PLANTA PISO 04**

PEDIDO DE INFORMAÇÃO PRÉVIA A PROJECTO DE LOTEAMENTO PARA O (HOSPITAL) CONVENTO DE SANTA MARTA



PERCURSOS PEDONAIS  
(ACCESSIBILIDADE SUAVE E ASSISTIDA)

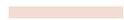


PERCURSOS PEDONAIS



LOTE – L01

HOTEL (57 QUARTOS)



LOTE – L02

ÁREA HABITACIONAL (86 TIPOLOGIAS)

ÁREA COMERCIAL (14 LOJAS)

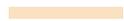
ESTACIONAMENTO (196 LUGARES)



LOTE – L03

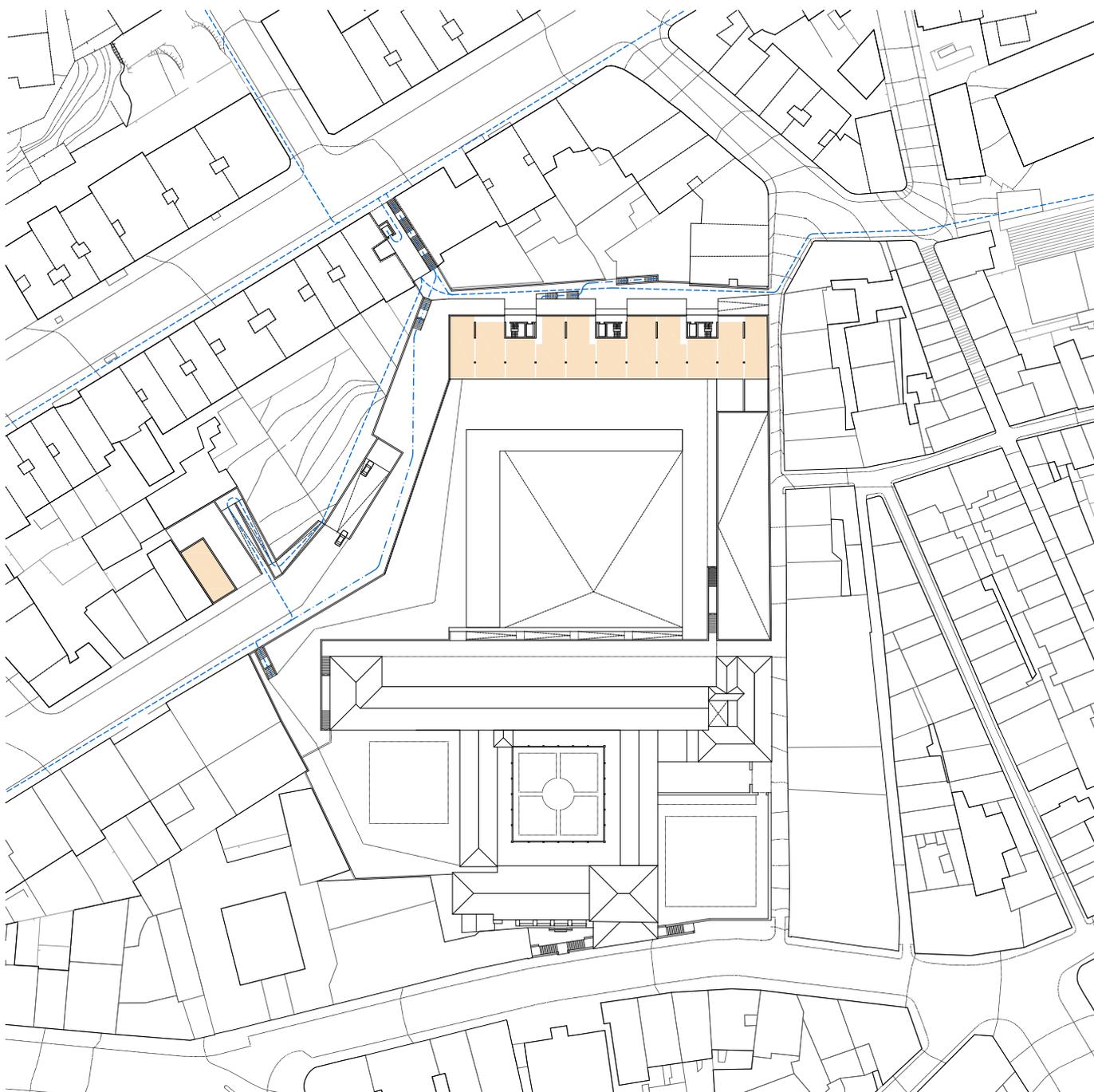
ÁREA HABITACIONAL (04 TIPOLOGIAS)

ÁREA COMERCIAL (01 LOJAS)



**PLANTA PISO 05**

PEDIDO DE INFORMAÇÃO PRÉVIA A PROJECTO DE LOTEAMENTO PARA O (HOSPITAL) CONVENTO DE SANTA MARTA



PERCURSOS PEDONAIIS  
(ACCESSIBILIDADE SUAVE E ASSISTIDA)



PERCURSOS PEDONAIIS



LOTE – L01

HOTEL (57 QUARTOS)



LOTE – L02

ÁREA HABITACIONAL (86 TIPOLOGIAS)

ÁREA COMERCIAL (14 LOJAS)

ESTACIONAMENTO (196 LUGARES)



LOTE – L03

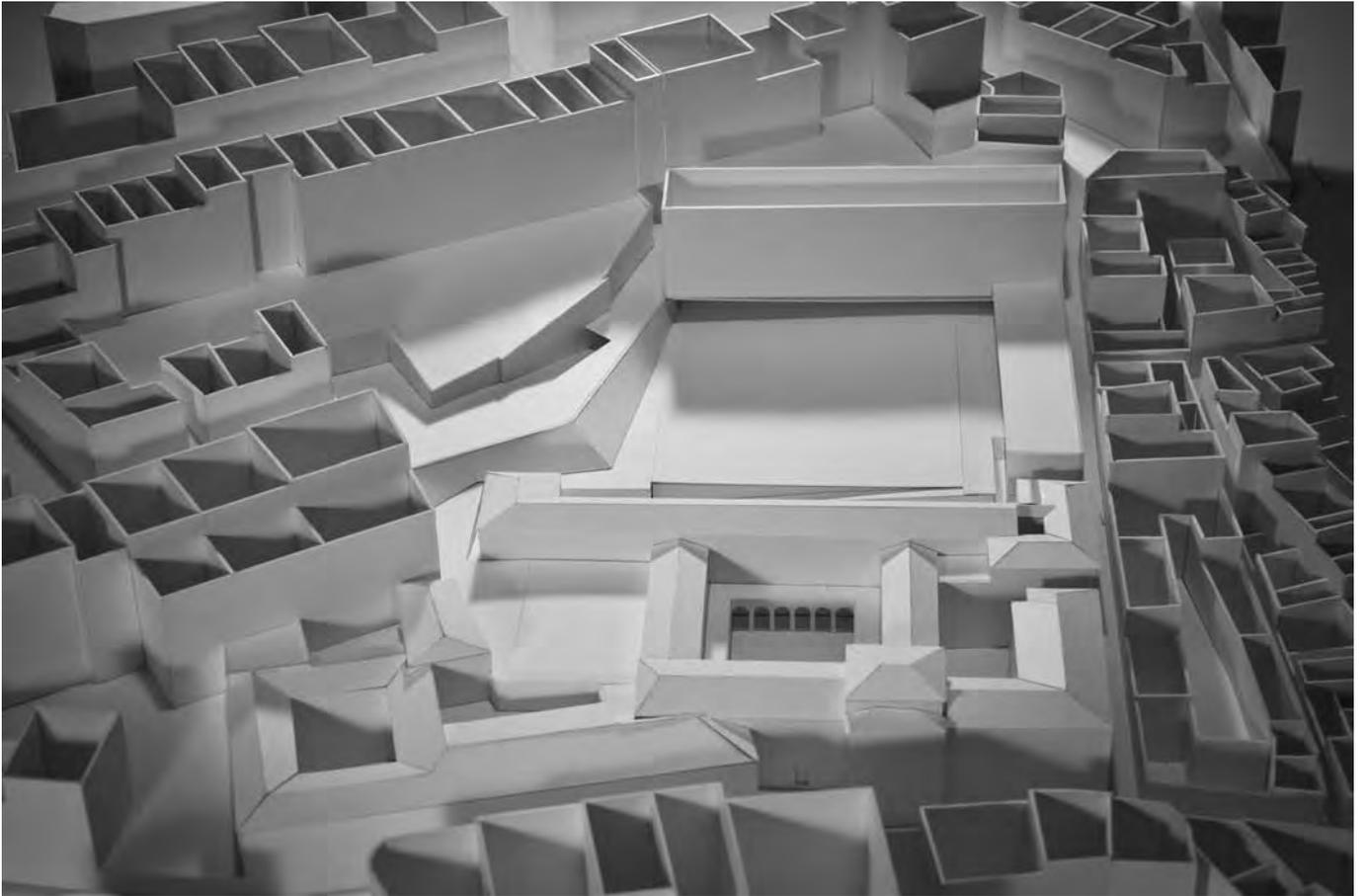
ÁREA HABITACIONAL (04 TIPOLOGIAS)

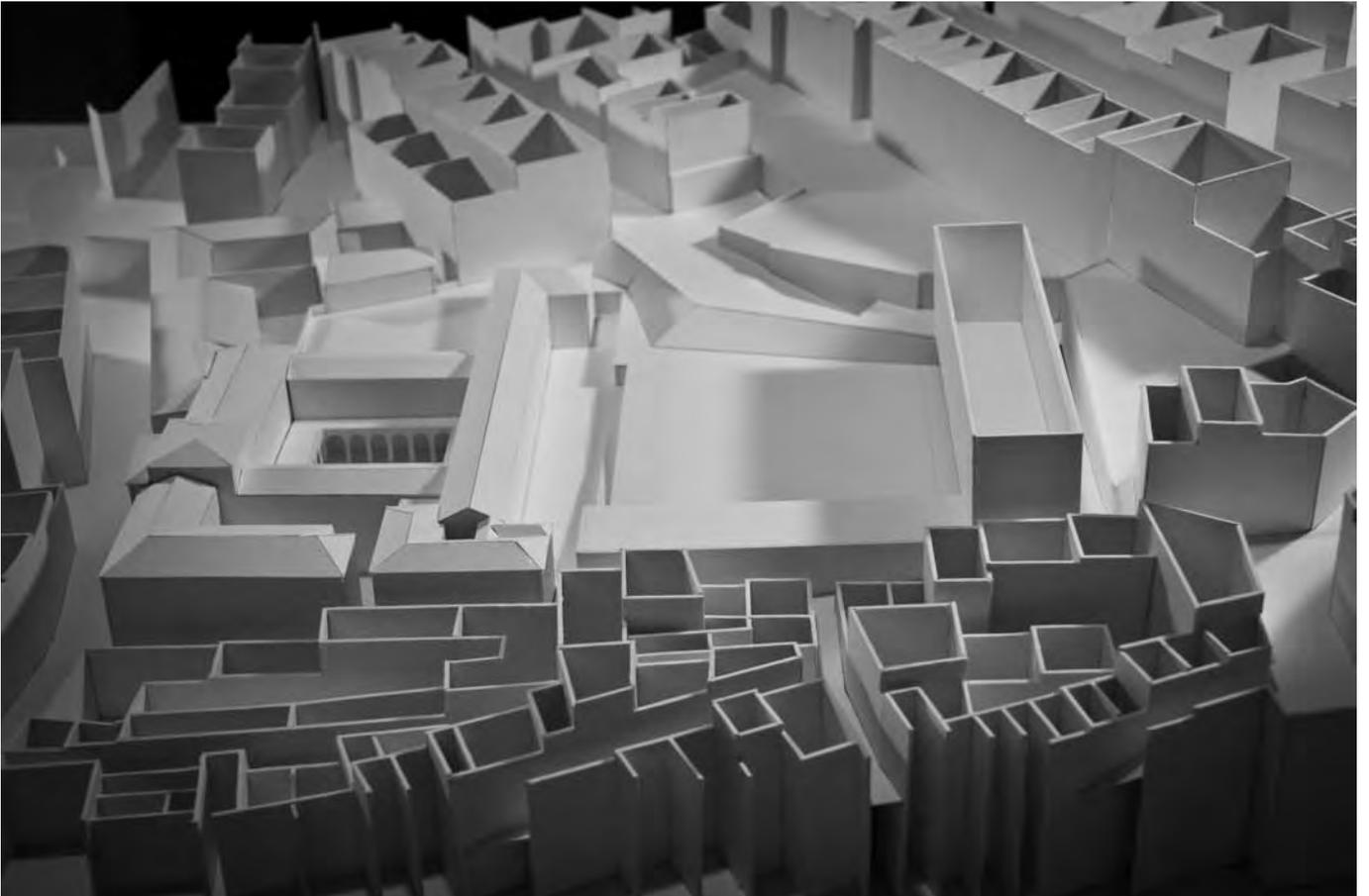
ÁREA COMERCIAL (01 LOJAS)

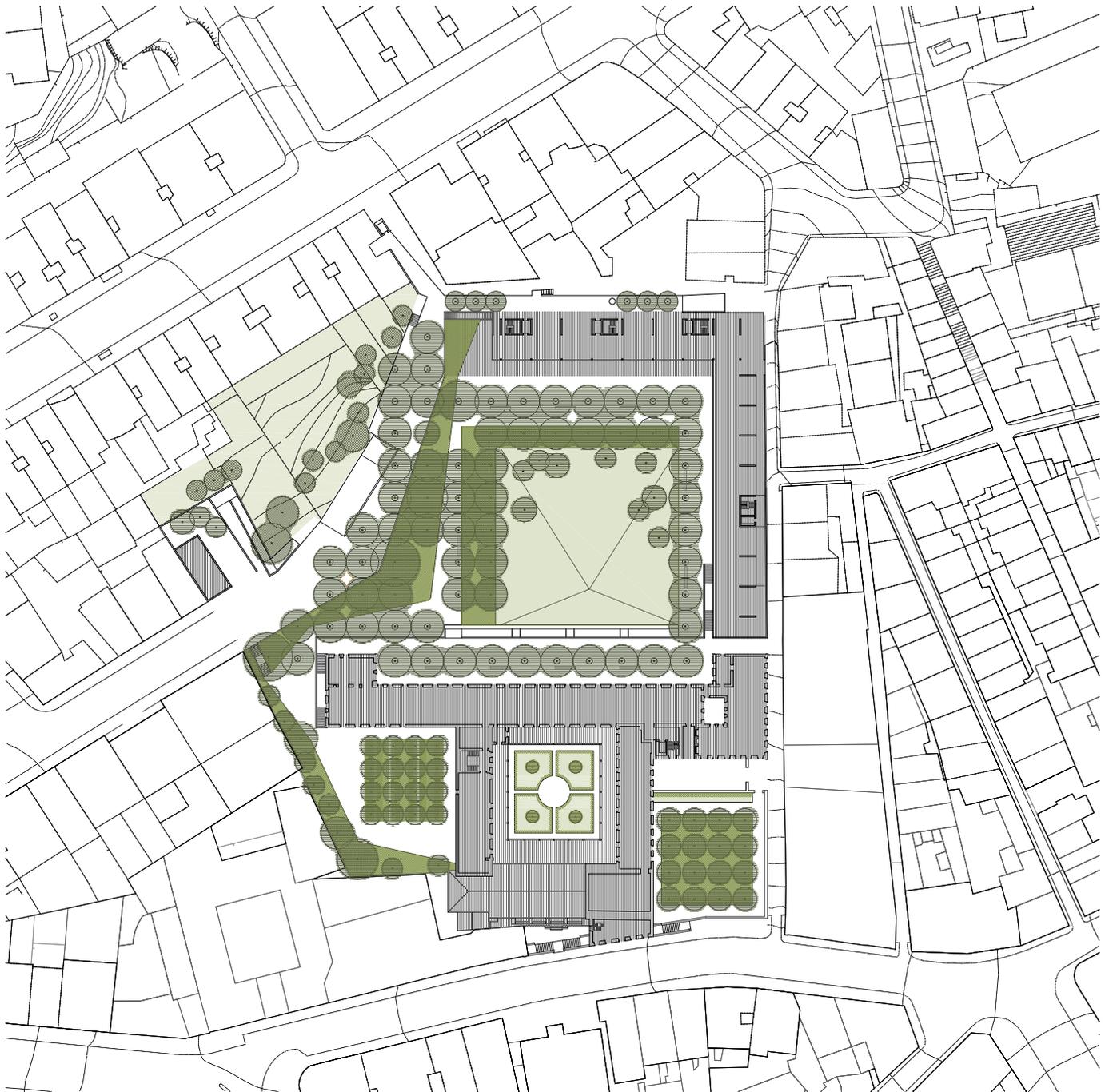


**PLANTA PISOS 6-12**

PEDIDO DE INFORMAÇÃO PRÉVIA A PROJECTO DE LOTEAMENTO PARA O (HOSPITAL) CONVENTO DE SANTA MARTA







ÁRVORES EXISTENTES A MANTER



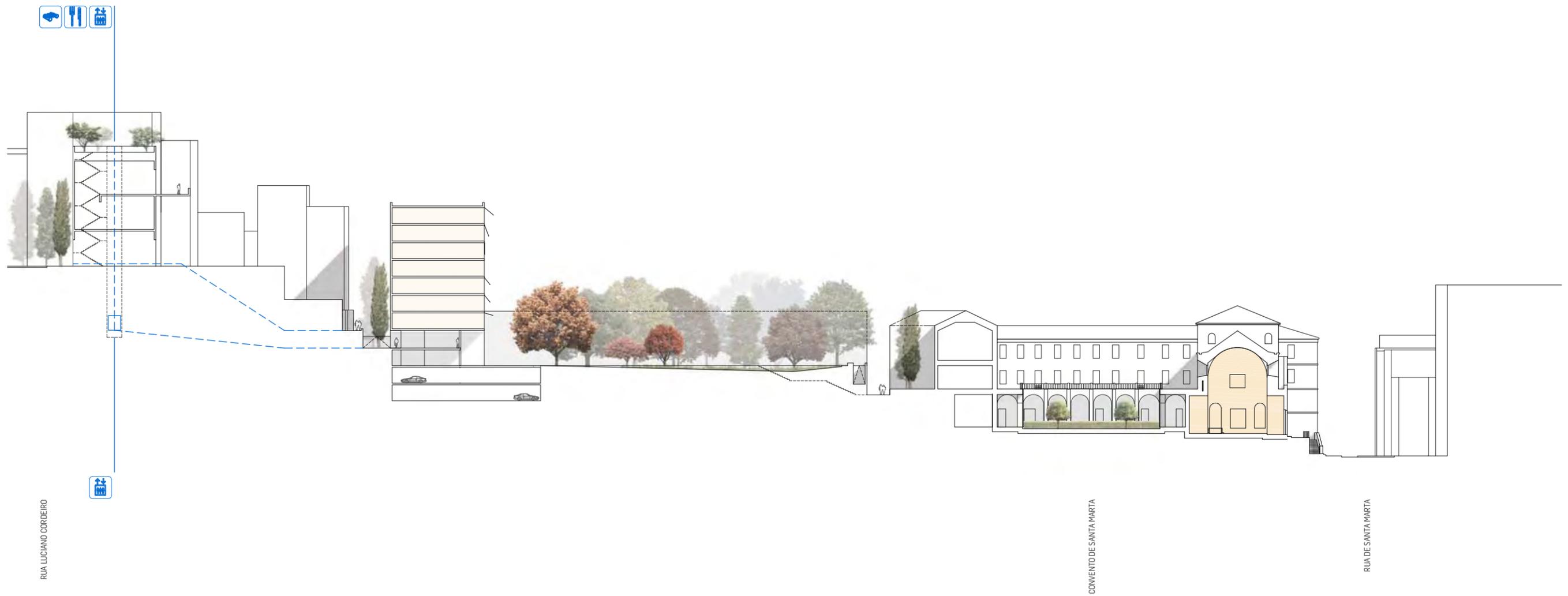
ÁRVORES PROPOSTAS DAS ESPÉCIES:

- CELTIS AUSTRALIS (LÓDÃO)
- CERCIS SILIQUASTRUM (OLAIA)
- FRAXINUS ANGUSTIFOLIA (FREIXO)
- OLEA EUROPAEA VAR. SYLVESTRIS (ZAMBUJEIRO)
- PRUNUS DULCIS (AMENDOEIRA)
- QUERCUS FAGINEA (CARVALHO-CERQUINHO)
- ULMUS RESISTA (ULMEIRO)

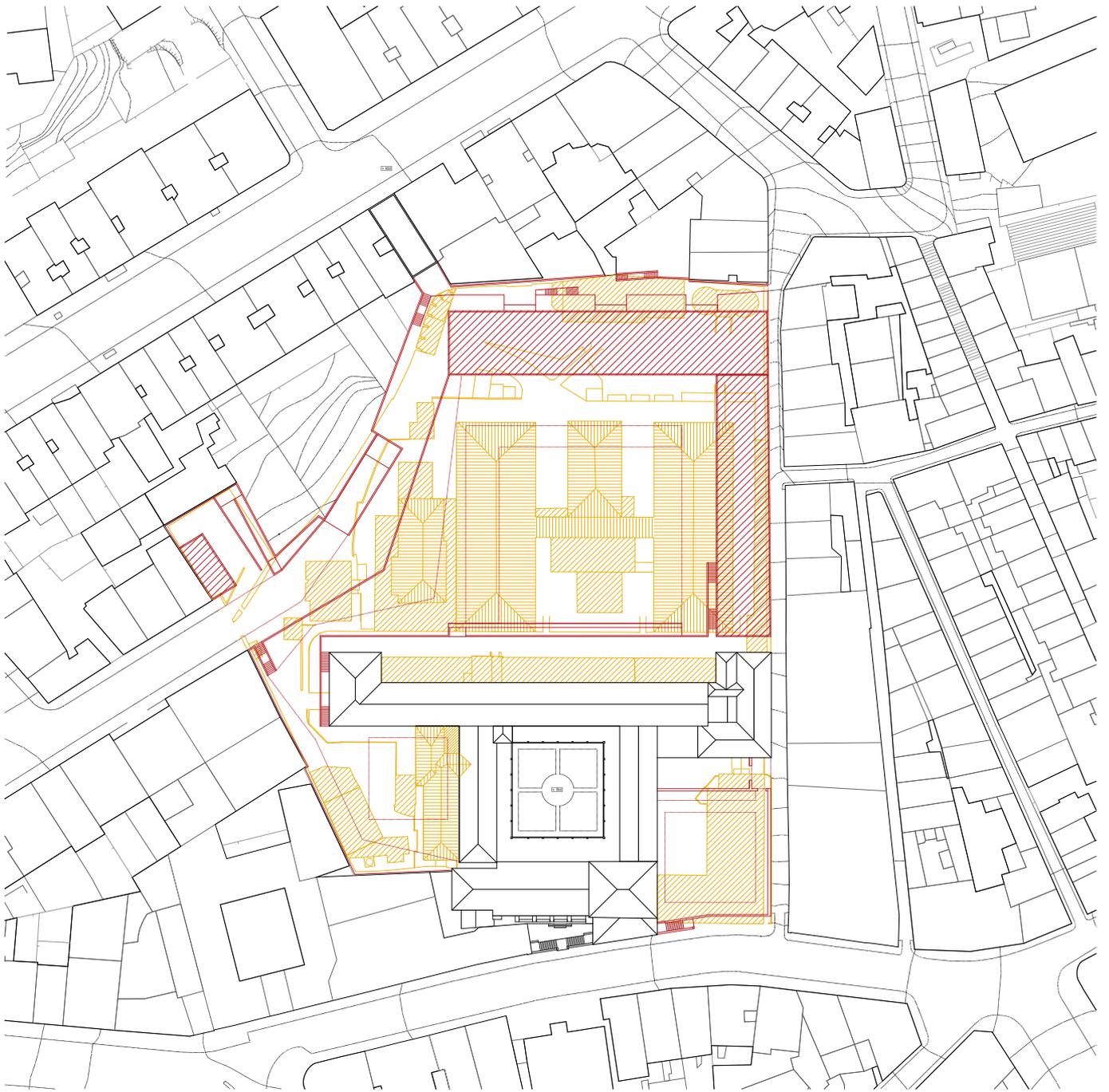


ZONAS VERDES





**CORTE LONGITUDINAL**  
PEDIDO DE INFORMAÇÃO PRÉVIA A PROJECTO DE LOTEAMENTO PARA O (HOSPITAL) CONVENTO DE SANTA MARTA



<b>1. PÚBLICO E PRIVADO</b>					proposta
<b>PÚBLICO E PRIVADO</b>					
Área de solo	As		m2		18.065
Área de solo de cedências para domínio público			m2		6.195
Área líquida do loteamento (área de solo privado)		sup. solo privado [Ai priv+log]	m2		10.578
Espaços privados de uso público			m2		0
Área Total de solo para uso público			m2		6.195
Percentagem da área de solo para uso público			%		34%
<b>2. CONSTRUÍDO</b>					
<b>DEMOLIÇÕES</b>					
Edificado existente			m2		25.202
Edificado existente a demolir			m2		15.095
Edificado existente a manter			m2		10.107
<b>ÁREA DE CONSTRUÇÃO</b>					
Área de const. acima do solo	total acima do solo	a.c. total	m2		22.547
	a construir	a.c.const	m2		12.440
	a reabilitar	a.c.reab.	m2		10.107
Área de const. abaixo do solo	total abaixo do solo	a.c. total	m2		6149
	a construir	a.c.const	m2		6149
	a reabilitar	a.c.reab.	m2		0
Área de construção total		a.c. total	m2		28.696
<b>ÍNDICES DE EDIFICABILIDADE</b>					
Superfície de Pavimento Total	Sp	edificado priv + estac contabilizável	m2		22.547
Superfície de Pavimento Habitação	Sp hab		m2		10.393
Superfície de Pavimento Hotelaria	Sp hot		m2		10.107
Superfície de Pavimento Comércio	Sp com.		m2		2.047
Superfície de Pavimento Serviços	Sp serv.		m2		0
Superfície de Pavimento (estacionamento contabilizável)	Sp est.		m2		0
Superfície de Pavimento + área equipamentos públicos		Sp + área eq.pub.	m2		22.547
Índice de edificabilidade	le	Sp / As	m2	< 1.2	1,25
Índice de edificabilidade (c/ equipamentos públicos)		Sp + área eq.pub. /As	m2	< 1.5	1,25
Índice de Utilização do solo	lu	Ac/As	m2		1,59
<b>IMPLANTAÇÃO</b>					
Área Total de implantação	Ai	Ai. total	m2		4.445
Área de implantação de equipamentos públicos		Ai. eq. pub.	m2		0
Área de implantação de const. privada		Ai. priv.	m2		4.445
Índice de Ocupação do Solo (total)	Io	( $\Sigma$ Ai/ As) x100	%		24,61%
<b>PROGRAMA</b>					
Habitação	Ac hab		m2		10.393
Actividades Económicas	Ac com		m2		12.154
Equipamentos Privados	Ac eq priv		m2		0

Equipamentos Privados	Ac eq priv	m2	0
Equipamentos Públicos	Ac eq pub	m2	0
Estacionamento (contabilizável/acima do solo)	Ac est*	m2	0
Estacionamento (não contabilizável/abaixo do solo)	Ac est*	m2	6.149
Estacionamento em edifício dedicado [silo]	Ac est*	m2	0
Áreas técnicas	At	m2	0
Nº máximo de pisos acima do solo		un	7
% de uso habitacional		%	36%
% de uso actividades económicas		%	42%
% de equipamentos		%	0%
% de estacionamento		%	21%

### 3. COMERCIALIZAÇÃO

#### HABITAÇÃO

Área de habitação	total	Ac hab	m2	10.393	
	a construir		m2	10.393	
	a reabilitar		m2	0	
Logradouros		log	m2	309	
Habitação colectiva (fogos)			un.	90	
Área média de fogo		amf	Ac hab/F	m2	116

#### ACTIVIDADES ECONÓMICAS

Área Actividades Económicas	total	Ac act econ	m2	12.154
	a construir	Comércio	m2	2.047
	a reabilitar	Hotelaria	m2	10.107
Áreas Exteriores			m2	3.563

#### EQUIPAMENTO PRIVADO

##### Equipamento Privado 1

Área de Equipamento Privado	total		m2	0
	a construir		m2	0
	a reabilitar		m2	0
	área exterior associada		m2	0

##### Equipamento Privado 2

Área de Equipamento Privado	total		m2	0
	a construir		m2	0
	a reabilitar		m2	0
	área exterior associada		m2	0

##### Equipamento Privado 3

Área de Equipamento Privado	total		m2	0
	a construir		m2	0
	a reabilitar		m2	0
	área exterior associada		m2	0

#### Total Equipamentos Privados

0

#### QUADRO DE ÁREAS

PEDIDO DE INFORMAÇÃO PRÉVIA A PROJECTO DE LOTEAMENTO PARA O (HOSPITAL) CONVENTO DE SANTA MARTA

#### 4. CEDÊNCIAS

##### CEDÊNCIAS REDE VIÁRIA

Via rodoviária		m2	319
Passeios		m2	275
Total rede viária		m2	594

##### CEDÊNCIAS ESPAÇOS DE UTILIZAÇÃO PÚBLICA

Praças e Pedonais		m2	1.219
Espaços verdes	V1	m2	4.976
	V2	m2	
	V3	m2	
	V4	m2	
	V5	m2	
	V6	m2	
	V7	m2	
	total esp verdes	m2	4.976
Total de cedência de espaços de utilização pública		m2	6.195

##### DIREITO DE PASSAGEM PÚBLICA À SUPERFÍCIE

Pedonais			206
Espaços verdes			757
Total de espaços com direito de passagem pública à superfície			963

##### CEDÊNCIAS EQUIPAMENTOS PÚBLICOS

###### Equipamento Público 1

Área de Equipamento Público	total	m2	
	a construir	m2	
	a reabilitar	m2	
	área exterior associada	m2	

###### Equipamento Público 2

Área de Equipamento Público	total	m2	
	a construir	m2	
	a reabilitar	m2	
	área exterior associada	m2	

###### Equipamento Público 3

Área de Equipamento Público	total	m2	0
	a construir	m2	
	a reabilitar	m2	
	área exterior associada	m2	

Total áreas de cedência equipamentos		m2	0
--------------------------------------	--	----	---

##### TOTAL DE ÁREA DE CEDÊNCIAS (s/ rede viária)

Área Total	30m2/100m2 de SP	m2	6.764	6.195
Diferença		m2		-569
Porcentagem de cedência em relação a Sp	total cedências/ Sp x100	%	30%	27%

#### QUADRO DE ÁREAS

PEDIDO DE INFORMAÇÃO PRÉVIA A PROJECTO DE LOTEAMENTO PARA O (HOSPITAL) CONVENTO DE SANTA MARTA

## 5. ESTACIONAMENTO

### ESTACIONAMENTO PRIVADO

Total estac. privado calculado (hab+act econ)		est hab + act econ	un.		184
Estacionamento habitação	lug privado (PDM)		un.	Fx1,5	135
Estacionamento comércio	lug privado	x lug / 100m2	un	x=1,5	31
Estacionamento hotelaria	lug privado	x lug. / un. alojamento (57 un. al.)	un	x=0,3	18
Estacionamento Eq. Priv	lug privado	x lug / 100m2	un		
Área de estacionamento efectiva			m2		6149
Número efectivo de lugares de estacionamento privado			un		196
Diferença (lugares de estacionamento)			un		12

### ESTACIONAMENTO PÚBLICO

Total estacionamento público calculado (hab+act econ)			un.		57
Estacionamento habitação	ced dom público (PDM)	x lugares/ 100m2 s.p.	un.	x=0.4	42
Estacionamento comercio	ced dom público	x lug / 100m2	un	x=0,75	15
Estacionamento serviços	ced dom público	x lug / 100m2	un	x=0.4	n.a.
Estacionamento associado equipamento público*		0.5 lug / 100m2	un.		0
PUALZE					
Área de estacionamento em edificio dedicado [silo]			m2		0
N.º de lugares em edificio dedicado [silo]		área est / 25m2	un		0
Nº de lugares à superfície			un		0
Número efectivo de lugares de estacionamento público			un		12
Diferença (lugares de estacionamento)			un		-45

## 6. PERMEABILIDADE

### PERMEABILIDADE

Área Permeável			m2		5.285
Área Semi-Permeável			m2		1.444
Área Impermeável			m2		4.764
Índice de permeabilidade	Ip	(área perm.+0,5xA semi.p/ As) x100	%		33%

### SUPERFÍCIE VEGETAL PONDERADA

Área de referência		área líq lot + ced espaços ut. pública			16.773
Superfície Vegetal Ponderada	Svp	A + 0.6 B + 0.3 C	m2		7.305
Solo orgânico sem construção abaixo ou acima do solo	A		m2		7.078
Superfície vegetal sobre laje - mínimo de 1m de terra	B		m2		0
Superfície vegetal sobre laje - mínimo de 0.3m de terra	C		m2		757
Svp aplicada à área líquida do loteamento		≥0,4 área de ref.		≥ 0.40	0,44
A aplicada à área líquida do loteamento		≥0,2 área de ref.		≥ 0.20	0,42

## QUADRO DE ÁREAS

PEDIDO DE INFORMAÇÃO PRÉVIA A PROJECTO DE LOTEAMENTO

**LOTE**

		L - 01	L - 02	L - 03
Área do lote	m2	7288	3364	312
Área de implantação	m2	3505	3364	109
Cota de soleira	m	35.20	47.00	50.15
N.º de pisos acima da cota de soleira		3	9	5
Superfície de pavimento - acima da cota de soleira	m2	10 107	11 895	545
afecta a uso habitacional	m2	0	9957	436
afecta a uso comercial	m2	0	1938	109
afecta a uso turístico	m2	10 107	0	0
Superfície de pavimento - abaixo da cota de soleira	m2	0	6149	0
afecta a estacionamento	m2	0	6149	0
Cércea máxima	m	19,1	27,9	15,9
N.º de fogos		0	86	4



VOLUMETRIA PROPOSTA